

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
AVM FACULDADE INTEGRADA

A PERSPECTIVA DE INCLUSÃO DO SURDOCEGO NO
MERCADO DE TRABALHO

Por: LISÂNIA CARDOSO TEDERIXE

Orientadora: Prof.^a Maria Esther Araújo

Coorientadora: Giselle Boges Brand

Rio de Janeiro

2013

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

AVM FACULDADE INTEGRADA

**A PERSPECTIVA DE INCLUSÃO DO SURDOCEGO NO
MERCADO DE TRABALHO**

Apresentação de monografia à AVM Faculdade Integrada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Educação Especial e Inclusiva.

Por: LISÂNIA CARDOSO TEDERIXE

AGRADECIMENTOS

A minha mãe

Pessoa presente na minha vida em todos os momentos, sempre me apoiando e motivando na minha formação como educadora e na realização do meu objetivo em trabalhar com educação especial. Entre muitas qualidades cito as mais marcantes: otimista, lutadora, mãe zelosa. Ao meu pai e irmãos.

Agradeço também a receptividade da professora Mariana da PAAS, Alex Garcia (pessoa surdocega) que se mostrou muito disposto e atencioso em esclarecer as minhas dúvidas sobre surdocegueira e as instituições que trabalham incansavelmente pela socialização da pessoa surdocega.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todas as pessoas com surdocegueira que aceitaram a sua deficiência e lutaram pelo seu reconhecimento dentro da sociedade.

Escureidão e silêncio

“Em minha silenciosa escuridão, mais claro que o ofuscante sol, está tudo que desejarias ocultar de mim. Mais que palavras, tuas mãos me contam tudo que recusavas dizer. Frementes de ansiedade ou trêmulas de fúria, verdadeira amizade ou mentira, tudo se revela ao toque de uma mão: Quem é estranho, quem é amigo... Tudo vejo em minha silenciosa escuridão. Dê-me tua mão que te direi quem és.”

Poema de Natacha (vide documentário Borboletas de Zagorski)

RESUMO

O presente trabalho monográfico vem descrever e analisar a possibilidade de inserção do surdocego no mercado de trabalho no Brasil, mediante as suas limitações devido a sua deficiência singular, traçaremos o longo caminho que a pessoa surdocega percorre para obter uma socialização. Mostraremos as diferenças entre um surdocego pré-linguístico e o pós-linguístico. A importância da comunicação como a ligação e a base de formação da pessoa surdocega para interagir com o mundo.

A pesquisa procura expor o processo de preparação, através de oficinas de aprendizado, que as instituições especializadas estão oferecendo a essas pessoas em galgarem oportunidades de prover a sua própria subsistência e se desenvolver como cidadão autônomo. Veremos também, que as pessoas desconhecem a existência da surdocegueira, e que o Brasil não está preparado para atender esta deficiência.

METODOLOGIA

Este trabalho tem o propósito de esclarecer, averiguar e discutir os procedimentos alavancados durante os estudos, a partir de uma abordagem qualitativa.

A metodologia utilizada, para direcionarmos o nosso presente estudo, implica na absorção de informações através de leitura sobre o tema, como também, na coleta de dados por meio de consulta em material bibliográfico e entrevista como forma de esclarecimento do trabalho realizado no Instituto Benjamin Constant em prol da reabilitação dos surdocegos para a inclusão social. Abordaremos a opinião do próprio surdocego.

A partir destes métodos escolhidos, poderemos chegar a uma conclusão sobre a necessidade de discorrer sobre este assunto. Teremos como respaldo para nossas consultas os autores: Alex Garcia, Fátima Ali Abdalah Cader-Nascimento, Maria da Piedade Resende da Costa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1- Surdocegueira	12
1.1- Deficiência única ou múltipla	12
1.2- Causas da surdocegueira	14
1.2.1- Classificações da surdocegueira	16
CAPÍTULO 2- Comunicação	17
2.1- Fase pré-linguística	20
2.2- Fase pós-linguística	22
2.3- Meios de comunicação do surdocego	23
CAPÍTULO 3- Surdocego no mercado de trabalho	25
3.1- Conhecendo o programa de atendimento e apoio ao surdocego do departamento de reabilitação no Instituto Benjamin Constant	25
3.2- Processos de formação profissional para o mercado de trabalho	27
3.3- Orientação e mobilidade para o surdocego	33
3.4- Direitos políticos da pessoa com deficiência na inserção para o trabalho	38
CONCLUSÃO	44
BIBLIOGRAFIA	47
WEBGRAFIA	49
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como pretensão apresentar a temática sobre a surdocegueira, aos olhos de muitos, este é um tema não muito explorado, há pessoas que desconhecem sobre o universo de um surdocego. Como será que eles vivem? Comunicam-se? Trabalham? Quiçá sabem que existem pessoas com este tipo de deficiência.

O interesse em fazer esta pesquisa é justamente expor um pouco desse mundo desconhecido- a surdocegueira, mais precisamente, nos atentaremos como está sendo “A perspectiva de inclusão do surdocego no mercado de trabalho”, a partir deste título serão desencadeadas algumas questões pertinentes para que isso possa acontecer. É claro que quando falamos de inclusão, naturalmente, pensamos: como seria a inclusão de uma pessoa surdocega no mercado de trabalho? Existem profissões adequadas para quem tem esta deficiência? Será que há a possibilidade de trabalharem? Estes tipos de questionamentos acabam traçando o nosso desafio.

O objetivo principal desta monografia é averiguar como os surdocegos estão sendo preparados para obterem uma ocupação, como também, mostrar a necessidade desta integração do surdocego junto ao trabalho, com o intuito no reconhecimento de um cidadão capaz de gerir sua vida através de seu próprio sustento, dando-lhe dignidade e autonomia dentro do convívio social.

Cabe também explicar um pouco a origem dessa deficiência. É importante frisar que são pessoas que apresentam limitações sensoriais e não mentais. No documentário, **As Borboletas Zagorsk**¹ (1992, parte v), menciona que o surdocego, a princípio, já fora considerado um deficiente mental, pois na ausência da audição, visão e conseqüentemente da fala os tornaram desorientados ao extremo de uma crise nervosa e ao isolamento,

¹ O documentário trata sobre o trabalho de uma escola russa, na cidade de Zagorsk, realizado com crianças surdas e cegas mediante os estudos de Lev Vygotsky.

decorrente a falta do conhecimento de algum tipo de comunicação.

Esse estudo de cunho bibliográfico de análise qualitativa pretende discutir, entender, motivar o processo de inclusão do surdocego ativando caminhos possíveis e planejados para esta inserção. É evidente que a inclusão no campo do trabalho percorre um caminho muito mais extenso, quando trataremos da socialização, da comunicação e sua locomoção. Estes são pontos essenciais para a inclusão.

Veremos que a apreensão da comunicação, mediante ao grau da perda, nos momentos pré-linguístico ou pós-linguístico² podem influenciar no desenvolvimento cognitivo do surdocego. De fato a comunicação entre uma pessoa surda e outra ouvinte ocorre com muitas dificuldades, então seria interessante mostrar as possibilidades de comunicação com os surdocegos.

Não podemos deixar de lado algumas hipóteses que são convenientes a este tipo de inclusão. Ou melhor, dizendo, em que circunstâncias o surdocego tem atingido este espaço? Algumas probabilidades apontam para alguns caminhos como: a implantação da lei de cotas favoreceu a inserção do surdocego no mercado de trabalho ou até mesmo as empresas passaram a vê-los como mão-de-obra de baixo custo e deduções fiscais.

Então, para que realmente o surdocego possa se habilitar a ter uma profissão que exerça de forma autônoma ou com vínculo empregatício, ele precisará ter o apoio e o incentivo da família, contar com profissionais capacitados para sua formação acadêmica e empresas que estejam preparadas para receber deficientes.

No primeiro capítulo iremos elucidar as principais causas que levam uma pessoa a ser portadora da surdocegueira quanto: a sua origem, doenças e tipos.

² As palavras pré- linguísticas e pós-linguistas também são denominadas como: pré-simbólica e pós-simbólica.

Também discutiremos se a surdocegueira é uma deficiência múltipla sensorial ou única, esta definição causa muitas dúvidas já que está atrelada a dois órgãos dos sentidos: visão e audição.

No segundo capítulo trataremos sobre as formas de comunicação de um surdocego em que se destaca em dois momentos: pré-linguístico e pós-linguístico, assim poderemos observar que a comunicação pode demonstrar diferenças em cada momento.

Enfim, no terceiro capítulo iremos expor sobre o processo de inclusão do surdocego no trabalho. A principio, descreveremos como funciona a reabilitação de um surdocego adulto diante de sua nova condição, realizado no Instituto Benjamin Constant (IBC), e citaremos também programas de outras instituições, ONGs, associações que trabalham em prol de uma vida melhor para os surdocegos. Teremos uma entrevista com uma pessoa do setor e abordaremos opinião de pessoa surdocega, posteriormente delinearemos alguns fatores cruciais para a sua inserção no mercado de trabalho.

CAPÍTULO I

SURDOCEGUEIRA

Veremos nesse capítulo conceitos que expressam o significado da surdocegueira, como também, discutiremos a nomenclatura da palavra a ser considerada uma deficiência única ou múltipla e suas diferenças. Abordaremos as principais causas e os graus de perdas que caracterizam uma pessoa com esta deficiência. É claro que não poderíamos iniciar nossos estudos sem expor as palavras de um surdocego diante da sua própria limitação.

A Surdocegueira é a deficiência que mais "afeta" a essência da sociedade, porque leva a distância imposta pelas perdas visuais e auditivas, assim como a impaciência que se gera pelas dificuldades de comunicação. Desta maneira, remete as pessoas surdocegas à condição mais temida pelos seres humanos: o "estar sozinho" como sinônimo de abandono, distinto de "solidão" que se pode eleger e desfrutar quando não se tem medo de si mesmo. (Alex Garcia)

1.1-Deficiência única ou múltipla

O vocábulo “**surdo**” por si só nos remete a ideia de uma pessoa desprovida de som de forma total ou parcial, enquanto “**cego**” caracteriza uma pessoa desprovida da visão total ou parcial. É muito comum, termos contato com pessoas cegas ou surdas no nosso cotidiano. Em contextos separados temos: deficientes auditivos e deficientes visuais que se enquadram dentro da perda de uma das funções sensoriais. Mas quando temos as duas palavras unidas a que sentido referimos? Estamos diante de uma nomenclatura que ainda causa grande estranheza a população.

Se em situações isoladas DV³ e DA⁴ estão inseridos em apenas uma deficiência, então, o que diríamos da surdocegueira? Seria considerada uma múltipla deficiência? Dentro da etimologia a palavra surdocegueira⁵ deve ser escrita junta e sem o uso do hífen, já que se compreende como única deficiência por atingir apenas o grupo sensorial, ou melhor, a perda progressiva da função dos sentidos da visão e da audição.

Segundo Gomes (2007) “O termo surdocego se refere a uma condição única de privação de dois canais sensoriais importantes para a apreensão dos conceitos do mundo que cerca um indivíduo”.

Visto que ao que fora explicitado, a surdocegueira pode ser considerada uma deficiência multissensorial, assim também classificada como uma terceira deficiência e única dentro de sua complexidade. Enquanto a deficiência múltipla, podemos considerar que é a soma de mais de um grupo: mental, física, sensorial. Na associação de um grupo com outro diferente, ocasionando na multiplicação das limitações do ser humano. Vejamos como a Associação Gaúcha de Pais e Amigos dos Surdocegos e Multideficientes (AGAPASM) menciona sobre isso:

Multideficiência:

Pessoa que tem deficiência auditiva ou deficiência visual (ou ambas) associada a outras deficiências (mental e/ou física), como também a distúrbios (neurológico, emocional, linguagem, fala e desenvolvimento global) que causam atraso no desenvolvimento educacional, vocacional, social, emocional, dificultando a sua autossuficiência.⁶

³ (DV) abreviatura Deficiência visual, ⁴ (DA) abreviatura Deficiência auditiva.

⁵ Outras definições já usadas para surdocegueira: Aprendizagem Profunda e Múltipla, Múltipla Deficiência Severa, Surdo com Múltipla Deficiência, Cego com Deficiência Adicional, Múltipla Privação Sensorial, Dupla Deficiência Sensorial, Deficiência Auditiva Visual, Deficiência Audiovisual.

⁶ <http://www.agapasm.com.br/multideficiente.asp> <acesso em: 04/06/2013

1.2- Causas da surdocegueira

As causas da surdocegueira estão associadas há alguns tipos de implicações patológicas que se apresentam em três períodos: pré-natais, perinatais e pós- natais.

No pré-natal serão avaliados os hábitos da mãe, quanto ao uso de drogas e ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, também serão observadas as patologias maternas provindas de desordens genéticas. Outro fator seria as infecções uterinas como: rubéola, toxoplasmose, sífilis, citomegalovírus...

No perinatal a criança pode está suscetível a traumatismos por partos complicados, paralisia cerebral, prematuridade com complicações hiperbilirrubemia.

Enquanto no período pós-natal ocorrera devido a sequelas de doenças como: meningite bacteriana e traumatismos.⁷

A surdocegueira está relacionada a síndromes congênitas⁸ entre as principais estão: Charge, Usher, wolfram. Passaremos a explica-las a seguir.

CHARGE: É uma síndrome diagnosticada por causar má formação congênita que incluem um conjunto de anomalias, pois na própria palavra cada letra refere-se às anomalias encontradas nesta síndrome.

C → coloboma → ausência de parte da íris na retina.

H → heart = coração → sopro no coração.

A → atresia → obstrução de condutos pós-nasais.

R → retard = atraso → atrasos no crescimento e ou defeitos no sistema nervoso central

⁷ <http://dvsepedagogia.blogspot.com.br/2009/04/um-pouco-sobre-surdocegueira.html> < acesso em: 08/06/2013

⁸ síndromes congênitas: adquiridas antes do nascimento ou até um mês de vida.

G → genital → desenvolvimento incompleto dos órgãos genitais.

E → ear= ouvido → má formação do ouvido com perda de audição.⁹

Síndrome de Usher, também hereditária, causa a deficiência da audição e da visão. Vale ressaltar que foram associados os casos de *retinose pigmentar* a síndrome de Usher. A retinose pigmentar pertence ao grupo das doenças hereditárias, quem é portador desta doença sofre com a perda progressiva da visão, já que ocorre a degeneração da retina, gradualmente, do campo periférico até atingir a visão central.

A síndrome de Usher é dividida em quatro tipos:

USHER TIPO I: Provoca surdez profunda de nascimento e retinose pigmentar, cegueira noturna com perda de equilíbrio.

USHER TIPO II: Provoca surdez leve à moderada, não progressiva com retinose pigmentar no início na puberdade, cegueira noturna e com perda de equilíbrio na maioria dos casos na fase adulta.

USHER TIPO III: Provoca surdez neuro-sensorial congênita progressiva, isto é, nascem com uma boa audição ou com ligeira perda, que aos poucos vai aumentando. Apresentam também retinose pigmentar e cegueira noturna que aparece na infância, com perda de equilíbrio.

USHER TIPO IV: É um tipo mais raro, afeta apenas 10% da população acometida pela síndrome de Usher.¹⁰

⁹ Fonte: Davenport (1997). Tradução das autoras apud CADER- Nascimento; COSTA, p. 26.

¹⁰ SILVA, Ivana. Síndrome de Usher <URL: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/sindrome-usher.htm> < acesso em: 08/06/2013.

Síndrome de wolfram: É uma doença neurodegenerativa, também conhecido pela sigla DIDMOAD (DIDMAOS em espanhol), tendo as iniciais de seus principais componentes clínicos: Diabetes Insípido, Diabetes Mellitus, atrofia óptica e surdez. ¹¹

Síndrome de Wolfram é causada por mutações no gene WFS1, é herdada num padrão autossômico recessivo, o que significa que ambas as cópias do gene de cada célula tem mutações. Os pais de um indivíduo com uma doença autossômica recessiva carregam uma cópia do gene mutante, mas eles normalmente não apresentam sinais e sintomas da doença. Alguns estudos têm mostrado que pessoas que carregam uma cópia de uma mutação genética WFS1 estão em maior risco de desenvolver as características individuais da síndrome de Wolfram ou recursos relacionados, tais como diabetes tipo 2, perda auditiva, ou doença psiquiátrica. ¹²

¹¹ www.aswolfram.org/síndrome.html < acesso em: 07/06/2013 (tradução nossa)

¹² ghr.nlm.nih.gov/condition/wolfram-syndrome < acesso em : 07/06/2013 (tradução nossa)

1.2.1- Classificações da surdocegueira

Segundo o Grupo Brasil (2005), a surdocegueira se divide em três etapas:

A primeira está relacionada ao momento das perdas pré-linguística ou pós-linguística.

A segunda depende do grau da perda, assim dividido em quatro grupos.

Grupo I: Surdocegueira congênita.

Grupo II: Deficiência auditiva congênita, perda visual adquirida.

Grupo III: Deficiência visual congênita, perda auditiva adquirida.

Grupo IV: Deficiência visual e auditiva adquirida ao longo do tempo.

A terceira implica quanto à funcionalidade.

- Em caso de perdas severas a comunicação se apresenta de forma limitada, pois só a interação com o ambiente se tiver um mediador.
- Pessoas com resíduos visuais e auditivos podem ter uma vida moderadamente independente.
- Quando não apresentam nenhum tipo de comprometimento cognitivo pode levar uma vida normal, apenas com ajudas necessárias.

CAPÍTULO II

COMUNICAÇÃO

A comunicação é essencial para qualquer ser vivo viver dentro de sua comunidade, pois é o meio que os animais e nós seres humanos usamos para nos expressar e trocar informações.

Podemos realizar a comunicação por sistemas linguísticos verbais: escritos-orais. Ou não verbais através de gestos, expressões faciais, imagens e outros.

O ser humano ainda bebê inicia as suas primeiras conquistas na arte da comunicação. Os primeiros sons são os choros, depois são balbucios de vogais. A visão traz a descoberta das mãos, o reconhecimento das pessoas a sua volta. Ele aprende a apontar para o que deseja e em seguida começa o processo da imitação.

AULT (1978) menciona que o bebê no estágio sensório- motor, teoria de Piaget, consegue distinguir os odores e os gostos, já o olfato é perceptível logo ao nascimento, o paladar demora mais alguns dias. Isto possibilita o bebê a ser estimulado através de várias modalidades sensoriais com que nasce.

Sabemos que o ser humano não nasce falando, mas desenvolve o hábito da comunicação conforme o ambiente que vive. A criança tende a repetir os sons que ouve das pessoas que convivem ao seu redor, assim apreende não só uma linguagem como a língua de sua comunidade.

A criança se desenvolve a partir do meio em que vive, isto é, provém do conhecimento e da linguagem próprios à cultura que está inserida. BOATO (2009, p.47)

O bebê com surdocegueira precisa de ajuda para preencher estes importantes vazios em seu crescimento e durante um período de tempo considerável precisa que sejam planejados programas intensivos para ajudá-lo a utilizar os resíduos de sua visão e audição.¹³

¹³http://www.ahimsa.org.br/centro_de_recursos/projeto_horizonte/TRANSTORNOS_SENSORIAIS.pdf < acesso em: 10/07/2013

A criança surdocega utilizará a comunicação não verbal através do sorriso, movimentos, posicionamento corporal, gestos, entre outros que serão trabalhados com ela por um profissional que verificará qual será a melhor comunicação estabelecida para esta determinada pessoa.

Apresentaremos os conceitos de linguagem e da língua mediante a explicação de alguns autores para compreendermos as suas diferenças e significados.

“Linguagem é o conjunto de processos que podem utilizar um código ou sistema convencional que serve para representar conceitos ou para comunicá-los e que utiliza um conjunto de símbolos arbitrários e de combinações desses símbolos”. (Habib, 1994, P.197, apud Garcia, 2008, P 73).

Bechara (1999), ao aplicar o conceito de língua, apresenta duas possibilidades: a língua histórica e a língua funcional. Assim, a língua seria um produto histórico- plurilíngue, devido à impossibilidade de alcançar uma língua que se quer homogênea, unitária.

Sabemos que uma criança cega faz uso de outros sentidos para suprir a suas necessidades, como o uso da audição (orientação espacial, visão à distância), olfato (localização), paladar, tato (leitura através do braille, visão de perto). Os surdos utilizam a visão como meio de comunicação (leitura labial), as expressões faciais, a sinalização- LIBRAS. Pensemos em uma criança que não ouve e que não tem a visão. Quais seriam as probabilidades desta criança desenvolver a sua comunicação e poder ser compreendida dentro da sua comunidade? Vale ressaltar que nem todo surdocego é totalmente cego ou surdo, e que esta deficiência pode ser congênita ou adquirida. Será que o surdocego poderia se comunicar com outras pessoas de maneira eficaz?

A cognição é o processo superior que rege o funcionamento da percepção, do armazenamento, da recuperação, da utilização e do tratamento da informação. As experiências sensoriais são transformadas em modelos mentais: os signos, que são transmitidos através de códigos da linguagem. [...] (MIRANDA, 2003 apud BRANDÃO, 2006, p. 38).

Se a criança detém uma boa cognição nada a impede de poder se comunicar, desde que a estimulem a isso, usando os resíduos visuais e ou auditivos e oportunizando experiências. Assim, observando em que fase ela se encontra quando se tornou surdocega, isto é, em uma concepção pré-linguística ou pós-linguística.

Pena (1978) relata que o processo da comunicação ocorre devido a seis elementos: a fonte (emissor), o código, a mensagem, o canal, o receptor e o decodificador. O emissor possui o domínio da comunicação verbal. A função do código, que é a expressão da língua oral ou escrita, fará com que a mensagem chegue de forma eficaz. A mensagem é o conteúdo informativo. O canal é o meio como será transmitida a mensagem até o receptor. Decodificador estrutura as informações responsáveis pelos sistemas adaptativos que se liberam.

A comunicação pode ser receptiva e expressiva: a primeira está pautada na recepção e compreensão da mensagem, enquanto a segunda é a forma de como expressamos nossos desejos, os sentimentos e as necessidades.

A comunicação receptiva e expressiva de uma pessoa surdocega ocorre em tempos diferentes de uma pessoa sem esta deficiência, o processo é mais moroso. Diríamos que a comunicação receptiva para o surdocego seria mais difícil presumir a forma de como ele recebe a mensagem, ou seja, de como ele entende a mensagem.

“Os tipos de mensagens entendidas por uma criança dependem de sua visão, audição e o que e quanto ela "entende" o mundo que a cerca.” (GARCIA, 2008, p. 63).

2.1- Fase pré-linguística

Há uma grande dificuldade em atestar se a criança é surdocega, visto que ela pode ser surda e apresentar resíduos visuais, ou ser cega com resíduos auditivos. Ela não seria totalmente surda ou cega, mas não tem uma acuidade visual e auditiva dentro dos padrões necessários para ser considerada uma pessoa “normal”. Nestas circunstâncias cabe a um conjunto

de profissionais avaliarem o grau da perda de cada pessoa individualmente. Nesta fase considera-se uma criança que nasceu surdocega e irá adquirir uma língua. A concepção pré-linguística, segundo o Grupo Brasil- Apascide, 2001:

A criança surdocega pré-linguística apresenta graves perdas visuais e auditivas, não adquire uma imagem real do mundo em que vive; não pode aprender de imediata com as pessoas com as quais convive, ou que estas fazem ou falam, provavelmente não saberá que tem ao seu redor, o que se passa e nem se quer sabe que faz parte do mundo. Sua vida pode ser um caos, se não houver intervenção, precisamos proporcionar a informação necessária de forma que algo tenha sentido para ela. [...]

Falamos anteriormente que a criança ouvinte aprende a se comunicar por imitação, isto também é possível com a surdocega desde que sejam induzidas, ou melhor, a partir de uma estimulação sensório-motora em conjunto com a família, profissionais capacitados entre outros que possam mediar à exploração do seu ambiente.

As crianças adquirem muitas habilidades de aprendizagem precocemente vendo o que as outras fazem, e neste sentido a imitação é uma grande motivação. Portanto a criança com surdocegueira e ou uma criança com deficiência múltipla sensorial-visual enfrenta a dificuldade de aprender por imitação comportamentos mais básicos [...] (MAIA et al., 2010, p. 107 apud FREEMAN 1999).

“A imitação representa a continuação do movimento coativo, no entanto, é mais rica, pois a criança começa a recriar os elementos simbólicos assimilados, a fim de conseguir a satisfação de suas necessidades.” (CADER-NASCIMENTO; COSTA, 2005, p.51).

Ressaltamos alguns processos vigentes na fase pré-simbólica com base na metodologia de Van Dijk: nutrição (estágio de confiança, ou melhor, o vínculo formado entre a criança e o mediador). A imitação (quando o seu interlocutor será um modelo), ressonância (movimento realizado) coativo. Elas precisam ter consciência que as tarefas têm início, meio e fim. Com a ausência de dois sentidos (visão e audição) importantes para a evolução do aprendizado, outros sentidos (olfato, paladar, tato) se tornam mais apurados para substituir a limitações daqueles. Há pessoas que reconhecem um lugar pelo cheiro sem nunca ter enxergado, isto devido os sentidos remanescentes e a vivência com o meio a partir da estimulação.

“Esta metodologia estabelece uma relação recíproca entre criança e adulto em que ambos se movem juntos. Permite ao primeiro descobrir seu próprio corpo como instrumento para explorar o mundo, tendo como marco atividades rotineiras”. (GARCIA 2008, p 83 apud Van Dijk 1965).

Dentro de uma comunicação receptiva a criança pode ser direcionada a descobrir e identificar pistas no seu próprio ambiente. Como: o cheiro de uma comida, a vibração do telefone, o barulho da água que sai da torneira, contato com objetos em miniaturas e outros. Com o auxílio de um profissional, esta criança começará a identificar as pistas, criando assim uma forma de comunicação. Seja pelo sistema Malossi (marcação de letras do alfabeto e dos algarismos de 0 a 9 nas pontas dos dedos ou na palma de uma das mãos da criança), escrita em tinta de forma ampliada, leitura labial (de acordo com o resíduo visual) e o uso do aparelho de amplificação sonora.

Os estudos de Vygotsky demonstram que com as realizações das experiências educacionais concretas para os deficientes beneficiou nas melhorias do ensino e aprendizado como também em sua autonomia e cidadania. (NUEMBERG, 2008)

Na comunicação expressiva há uma ampla variedade de comunicação. Desde o reconhecimento do outro a partir de determinados comportamentos como na forma de rir, mexer a cabeça, tocar a pessoa... Até as formas de comunicação transitórias: no caso das vocalizações, movimentos do corpo, aparelhos adaptados para crianças com problemas neurológicos, a comunicação instrumental através de um objeto ou uma pessoa, a comunicação simbólica realizada por gestos realizada pela forma de apontamento; o uso das imagens; sinais táteis.

MAIA et al (2010) esclarece que quando a criança passa a ter contato com o universo simbólico o seu pensamento irá aderir um novo meio de compreender a noção de espaço e tempo, mas para isto ocorrer é necessário um trabalho voltado para o concreto e repetitivo.

2.2- Fase pós- linguística

Nesta fase a surdocegueira aparece em pessoas mais velhas. A síndrome de Usher e acidentes graves são as principais causas da surdocegueira tardia. A pessoa já detém uma comunicação, mas terá que se

adaptar a sua nova condição, assim adotando outro sistema de comunicação de acordo com a sua necessidade, a partir de uma avaliação por um profissional quanto à escolaridade e o nível intelectual da pessoa, anterior ao adquirir a surdocegueira. Antes de tudo a pessoa precisa buscar a aceitação de suas limitações com o apoio familiar e a ajuda de instituições, Ongs entre outros que estejam capacitados a atendê-los.

A fase pós-linguística aponta para três circunstâncias da surdocegueira: pessoas surdas congênitas que adquiriram a cegueira (retinose pigmentar), pessoas cegas congênitas que adquiriram a surdez e surdocegos não congênitos.

Passaremos a expor cada grupo conforme GARCIA (2008):

- Surdos congênitos e cegueira adquirida, naturalmente, já dominam a língua de sinais e a continuam usando mesmo com uma baixa visão, basta que a comunicação seja realizada na posição frente a frente.
- Cegos congênitos e surdez adquirida, sabe-se que estes têm como primeira forma de comunicação é a língua oral e braile na escrita. Devido à progressão da surdez a comunicação oral começa a causar déficit na receptividade dos sons até mesmo com o uso de próteses, assim o mais indicado seria o alfabeto manual datilológico.
- Surdocegos não congênitos adquiriram após a apreensão de uma língua. Preservam a oralidade e são conduzidos a escrever na palma das mãos.

2.3- Meios de comunicação do surdocego

Falamos que a comunicação é imprescindível para podermos trocar informações, difundir nossas ideias, mostrar a nossa dor, alegrias, compreender e aprender. É a munção de socialização do ser humano como cidadão, pois só através dela interagimos com o outro. Para isto, usamos mecanismos para que nossa comunicação seja ecoada aos demais de nossa comunidade.

Finalizamos este capítulo abordando os meios de comunicação¹⁴ que foram adotados pelos surdocegos. De acordo com AGAPASM:

- Intérpretes e língua de sinais: quando a pessoa é surda de nascença e já utiliza a língua de sinais, com a perda da visão-espacial o intérprete funcionará como um guia e mediador do surdocego provendo uma melhor forma de comunicação.
- CCTV: apoio de leitura: tem a função de ampliar até sessenta vezes o tamanho das letras.
- Braille: É a combinação de seis pontos em uma cela braille formando letras através do uso de uma reglete e uma punção. Também por uma máquina perkins.
- Tellethouch- aparelho de conversação: funciona como um teclado braille em que o surdocego escreve para o seu interlocutor em braille.
- Tablitas de comunicação: material plástico com letras e números em Braille.
- Alfabeto datilológico: alfabeto manual dos surdos usados de forma tátil.
- Letras de forma: o dedo é usado como uma caneta e basta o surdocego ter conhecimento das letras que serão feitas na palma da mão, dos braços ou em qualquer outra área do corpo.
- Tadoma: a pessoa coloca as mãos na face ou pescoço do interlocutor para sentir a vibração da fala. Ainda temos o diálogo – fala escrita e o sistema pictográfico.
- Linha Braille

¹⁴ imagens dos meios de comunicação em anexo

CAPÍTULO III

SURDOCEGO NO MERCADO DE TRABALHO

Este capítulo representa a fonte de nossos anseios em fazer esta pesquisa, nele apontaremos quais os suportes que os surdocegos vêm recebendo da instituição em questão. Visando preparar pessoas com limitações sensoriais para exercerem atividades que lhe deem subsídios, retirá-los da marginalização social e minimizar a dependência dos “salários benefícios”. Assim trazendo a autoestima dessas pessoas.

3.1- Conhecendo o programa de atendimento e apoio ao surdocego do departamento de reabilitação no Instituto Benjamin Constant

O programa de atendimento e apoio ao surdocego (PAAS) iniciou em 1983, antes chamado de programa piloto de atendimento ao deficiente auditivo e visual, pelos primeiros passos da professora Margarida Monteiro. Este programa está vinculado à Divisão de Reabilitação - preparação para o trabalho e encaminhamento profissional- DRT, que desde 1994 está em conjunto com o DMR (Departamento de estudos e pesquisas médicas e de reabilitação).

Estes departamentos fazem parte do **Instituto Benjamin Constant** (IBC), escola especial de 1º e 2º segmento do ensino fundamental, também atua como centro de referência em estudos e pesquisas e na preparação de material adaptado para a educação do cego e no processo de reabilitação para pessoas adultas que perderam a visão. Porém a PAAS não faz parte do organograma oficial da instituição.

O PAAS recebe adultos surdocegos pré-linguísticos e pós-linguísticos em processo de reabilitação. Onde dispõem de cursos e serviços que serão oferecidos com intuito de reabilitar surdocegos que precisam se adaptar a sua nova condição. Faremos uma ressalva que atualmente a PAAS tem recebido surdocego pré-linguístico (são pessoas que durante anos ficaram resguardadas em casa por suas famílias e agora direcionaram ao IBC em busca de uma socialização a partir da adoção de uma comunicação). O PAAS recebeu em 2013, nove reabilitandos com faixa etária mínima de 16 anos e sem limite máximo de idade. O prazo para a pessoa completar a sua reabilitação no IBC estende-se pelo período de 2 anos, mas isto não se emprega ao surdocego que o tempo pode ser muito mais amplo, depende muito do estágio em que se encontra cada um, como ele vai absorver as informações.

“A reabilitação é um processo global e dinâmico orientado para a recuperação física e psicológica da pessoa portadora de deficiência, tendo em vista a sua reintegração social.”¹⁵

A reabilitação tende a ampliar para demais áreas: da saúde, na formação educacional, do emprego, lazer, social, entre outros.

Cursos oferecidos para os reabilitando do Instituto Benjamin Constant.

- Habilidades básicas, Braille, Orientação e mobilidade, AVD ou Informática, Canto, piano, artesanato (cestaria com jornal, bijuterias).
- Oficina de cerâmica, teatro, LIBRAS (apenas para surdocegos), Grupo de convivência.

Os cursos descritos acima são oferecidos para reabilitandos inscritos no DMR, pois não emitem certificados, apenas o curso de Massoterapia é reconhecido como curso profissionalizante emitindo certificados pela instituição com parceria da IFRJ.

¹⁵<http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/reabilitacao/reabilitacao.htm> < acesso em: 13/07/ 2013

3.2- Processos de formação profissional para o mercado de trabalho

Neste subcapítulo apontaremos sobre a capacitação dos surdocegos com base nas entrevistas realizadas com a professora Mariana (PAAS/ IBC) e Alex Garcia¹⁶ (pessoa surdocega). Delinearemos o perfil do surdocego na sua construção de cidadão brasileiro na sua perspectiva de inclusão. Teremos como complementação desta pesquisa o trabalho realizado por outras instituições que lutam pelo acesso do surdocego no campo educacional, social e do trabalho.

A grande dúvida inicial seria o caso de um surdocego pós-linguístico poderia ter mais chances de exercer uma atividade profissional do que uma pessoa pré-linguística. Segundo os entrevistados, ambos podem se desenvolver igualmente, desde que o surdocego pré-linguístico tenha oportunidades iguais de uma pessoa pós. Como ter uma estimulação precoce, terapeutas ocupacionais e uma família que dê apoio e não os segreguem deixando as margens da escuridão, e que recebam uma comunicação de acordo com a sua necessidade, não há de fato diferenças. Como podemos citar o mais conhecido caso da Helen Keller¹⁷ nasceu surdocega (pré-linguística) e conseguiu superar as suas limitações em conjunto com a sua professora Anne Sullivan em um trabalho árduo e diário de aprendizado com base nas técnicas de Van Dijk. Helen Keller se tornou escritora, conferencista e ativista social e a surdocega mais conhecida do mundo. No IBC, há um surdocego pré-linguístico (Claudio) que passou pelo atendimento do PAAS e hoje trabalha na imprensa braille.

¹⁶ As entrevistas da professora Mariana e do Alex Garcia, na íntegra, estão no anexo.

¹⁷ Breve bibliografia de Helen Keller em anexo.

Como há casos de pós-linguísticos (surdos- com síndrome de Usher) que tinham uma profissão antes da perda da visão. Solange (bancária) é uma surdacega com estas características que frequentou a PAAS, e se aposentou ao perder a visão. Todos podem ter histórias de sucessos desde que haja oportunidades de acesso na educação, na linguística e no campo social.

Os reabilitandos são encaminhados para as oficinas de acordo com as suas necessidades com a finalidade que eles obtenham conceitos de aprendizagem¹⁸. Infelizmente, como fora dito anterior o PAAS não oferece estas oficinas com o propósito de formação profissional com emissão de certificado, apenas para o desenvolvimento motor- cinestésico. O DMR informou que mantém convênio com o SENAI, o qual no ano de 2012 ofereceu curso profissionalizante de materiais recicláveis para um reabilitando surdocego.

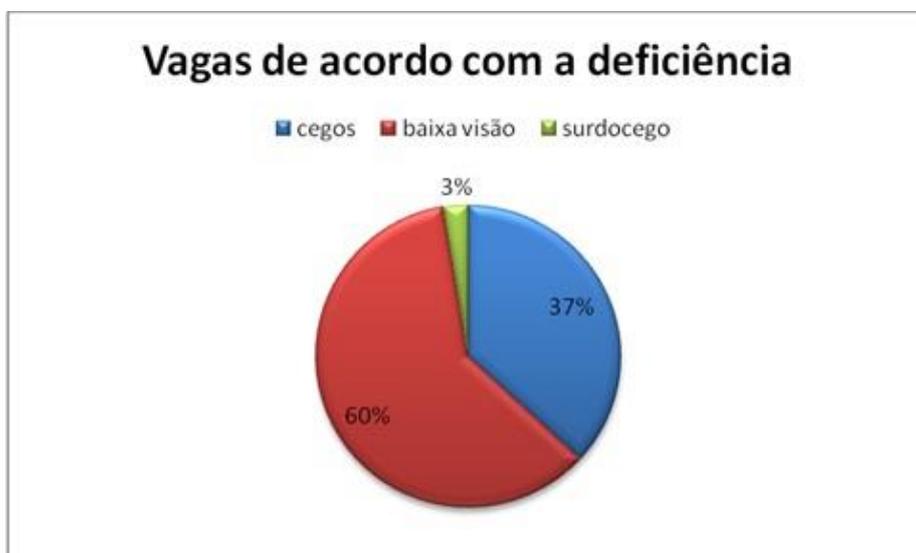
A oficina de habilidades básicas serve para desenvolver melhor o tato, na parte motora a orientação e mobilidade para a sua locomoção dentro de casa e fora dela. A AVD (atividade da vida diária) também conhecida como (PEVI – práticas educativas para uma vida independente) desenvolve habilidades de organização, a coordenação da motora fina e grossa. Isto é, a PEVI funciona na mobilidade, nos cuidados pessoais, na alimentação e nas ferramentas de controle do meio ambiente (manusear chaves, portas, janelas). A cerâmica trabalha a parte motora fina, assim como propicia experiências de criação. Muitos surdocegos no PAAS fazem oficina de cerâmica e gostam desta atividade, este seria um caminho para uma profissionalização. Os surdocegos que participam do PAAS podem fazer o CEJA (Centro Educacional Estudo supletivo de Jovens e Adultos) pertence ao governo do Estado e ocupa um pequeno espaço do IBC.

¹⁸ Organograma conceitual de aprendizagem para surdocegos e múltiplos em anexo.

No CEJA, eles podem concluir seus estudos do ensino fundamental e médio e o PAAS funciona como uma sala de recursos para dá suporte aos surdocegos na compreensão da leitura das apostilas, tirar dúvidas entre outros.

Sobre o encaminhamento de pessoas, vinculadas ao programa, para o mercado de trabalho. A professora Mariana menciona que poucos surdocegos conseguiram ter oportunidades e salienta que cada pessoa é um ser em particular, uns podem apresentar um melhor desenvolvimento e outros não. Entres os que estavam no programa podemos destacar: Claudio, já citado, trabalha na imprensa braille. Carlos Jorge- trabalha na ABRASC. Rosana que fez o curso de massagista (profissionalizante) e foi indicada pelo NUCAPE (núcleo de capacitação e empregabilidade). Este núcleo está vinculado ao DRT, onde as pessoas com cegueira, baixa visão e surdocegos podem se cadastrar para vaga de alguma empresa que esteja recebendo deficientes.

Quadro de Vagas preenchidas por deficiência, segundo o NUCAPE / 2012.



Total de Inscritos: 127

Surdocegos:

- Rosana Botelho- Massoterapeuta na empresa Montreal
- André Luiz Aragão Bastos

Contratados: 14 cegos, 23 baixa-visão, 1 surdocega.

O NUCAPE informou que no ano de 2013, não houve nenhum surdocego cadastrado para as vagas disponíveis, devido à baixa escolaridade.

Infelizmente, um dos contratempos para se incluir o surdocego no mercado de trabalho está na baixa escolaridade ou até mesmo nenhuma. As circunstâncias previstas nesta situação provêm de pessoas que ficaram por muito tempo enclausuradas em suas casas pela ignorância de suas famílias de não saberem aonde se dirigirem ou excesso de zelo.

Tanto Alex Garcia quanto a Professora Mariana relatam que o surdocego tem habilidade de exercer qualquer atividade rendável, basta que o ofereça: preparação educacional, um meio de comunicação. O surdocego pode desenvolver desde atividades mais simples a atividades de conhecimento científico. Estas pessoas podem exercer profissões que explorem a parte motora e os seus sentidos remanescentes como: encadernador, artesão, barista-café, massoterapeuta, sommelier de vinhos, fisioterapeuta, professor, degustador entre outras que se enquadra a sua deficiência.

Faremos uma ressalva de que quando surgiu o PAAS, ainda na regência da professora Margarida, os reabilitandos surdocegos aprendiam fazer encadernação de blocos e vendiam. Posteriormente, a comercialização dos blocos foi proibida pela instituição.

A receptividade dos surdocegos nas empresas nem sempre são favoráveis, quando as pessoas que irão conviver com surdocegos não sabem como se comunicar com eles. Normalmente, as empresas não têm estrutura de receber um deficiente com este perfil e possa oferecer acessibilidade de ter um guia-intérprete, tecnologia assistiva, transporte para facilitar a sua condução, e principalmente respeitar o seu tempo para executar as atividades propostas pelas empresas, pois o surdocego desenvolve um processo mais moroso que as outras pessoas que não tem esta deficiência. Alex Garcia ressalta que a falta de comunicação entre ambos os lados pode ocasionar uma grande barreira e dificuldades de relacionamento, esta experiência para o surdocego pode ser traumática e ocasionar no abandono do emprego.

AGAPASM (Associação Gaúcha de Pais e Amigos dos Surdocegos e Multideficientes) apoia os inseridos no mercado de trabalho, prestando as empresas e empregadores orientação e assessorias sobre as suas potencialidades e adaptações.

Na pesquisa realizada no IBC fora observado que a maioria dos surdocegos vive através de benefícios (LOAS), poucos mostram interesse em trabalhar. Uma minoria recebe uma boa pensão herdada de seus pais e que querem uma atividade apenas para ocupar o tempo. E alguns pós-linguísticos, que trabalhavam antes da segunda perda sensorial, pediram a aposentadoria.

Outra questão levantada na pesquisa e abordada com os entrevistados sobre o sistema de cotas. Na perspectiva de incluir o surdocego pela Lei de cotas não é eficaz, quando se deveriam apresentar subsídios para capacitar esta pessoa, pois é muito mais conveniente para uma empresa incluir uma pessoa que detém apenas uma deficiência visual (com resíduo) ou surdez, a inserir alguém que está limitado aos dois sentidos simultaneamente.

O DMR fez uma nova organização do trabalho do PAAS em 2012, aos reabilitandos que se encontram em fase de conclusão ou reabilitandos com impossibilidades cognitivas, atraso de linguagem ou outros motivos psicossociais, assim demonstrando o máximo de suas capacidades e ainda precisem de apoio, podem frequentar o PROESC (programa de encontro de surdocegos). Este projeto tem a finalidade de oferecer atividades sociais e de lazer que são organizadas em parceria com a FENEIS, INES e demais instituições de surdos, também com o propósito do desenvolvimento da comunicação – LIBRAS.

Falaremos sobre o trabalho realizado do **Grupo Brasil** (de apoio ao surdocego e o múltiplo deficiente sensorial) em parceria com a **Ahimsa** (associação educacional para múltipla deficiência), ambas em São Paulo, com o intuito de apresentar as oficinas ocupacionais e profissionalizantes para a inclusão do surdocego para o trabalho.

A Ahimsa, atualmente, atende um grupo de 10 pessoas com idade inicial 23 até 60 anos. Já conseguiram encaminhar 7 pessoas para o mercado de trabalho, mas acabaram retornando, quando a firma demiti-los. O Grupo Brasil e a Ahimsa seguem projetos desenvolvidos pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos entre outros.

- **Projeto coccon:** oficinas ocupacionais para surdocegos pré-linguísticos e múltiplos com dificuldades
- **Projeto Butterfly:** oficina certificadora para jovens adultos surdocegos na proposta de inserção no mercado de trabalho. Esta oficina é específica para pessoas com síndrome de Usher.
- **Projeto Eagles:** Para surdocegos que se aposentaram e querem ter uma renda extra para a manutenção da família.

Oficinas: biscuit, mosaico, artes plásticas, papelaria, dança, produtos artesanais, empreendedorismo. Orientação e mobilidade para a reabilitação.

A ahimsa oferece curso de formação técnica de auxiliar de padaria e culinária que podem ser feitos em casa e gerar renda.

Entre as instituições e associações mencionadas nenhuma soube informar a estimativa de surdocegos no Brasil.

3.6- Orientação e Mobilidade para o surdocego

Por que falarmos de orientação e mobilidade? Qual a importância disto na vida dos surdocegos? A orientação e mobilidade é um meio “necessário” que o surdocego, e também o cego, se beneficia para exercer a sua autonomia motora, aprendendo a identificar um determinado local através de pistas, seja, por mudanças de pisos, declives, os sentidos sensoriais entre outros. Como também, ele passa a se defender de possíveis acidentes quando domina as técnicas apreendidas. Falar sobre esse assunto caracteriza uma das conquistas e avanços que o surdocego obteve para a sua colocação no mercado de trabalho dentre tantos outros caminhos que ele deseja prosseguir.

A orientação é necessária para termos uma posição de direcionamento, assim como os pontos cardeais (norte, sul, leste, oeste), a orientação é o meio de conhecermos o nosso próprio eixo e escolhermos o caminho a ser direcionado: direita, esquerda... A orientação compreende a organização do mapa mental do conhecimento espacial do ambiente do ser humano, na ausência da orientação o ser humano entra em caos. A mobilidade é a autonomia do ir e vir do ser humano, ou melhor, é o deslocamento de um lugar ao outro.

Definiremos alguns conceitos sobre orientação e mobilidade (OM) na visão de alguns autores:

O ensino de orientação e mobilidade é muito mais que o treinamento sobre o uso correto das técnicas de guia-vidente, ou de bengalas. Mais que isso, é a possibilidade que oferecemos à pessoa surdocega de aprender a organizar e familiarizar-se com o mundo, através do contato físico e de tudo o que possa permitir compreender o mundo ao seu redor e com ele se comunicar. (GIACOMINI; SARTORETTO; BERSCH, 2010, p.15).

“Orientação é o processo de utilizar os sentidos remanescentes para estabelecer a própria posição e o relacionamento com outros objetos significativos no meio ambiente.”

“Enquanto a mobilidade é a habilidade de locomover-se com segurança, eficiência e conforto no meio ambiente, através da utilização dos sentidos remanescentes.” (Mazzaro, 2003, p.17, 18 apud WEISHALN, 1990).

A referência aos sentidos remanescentes implica na utilização dos sentidos que não foram afetados e que passam a ter nova função, quanto à localização e a distância. Por exemplo: um surdocego pode saber onde está uma padaria ou uma farmácia pelo o aroma, como pode saber se há um obstáculo em sua caminhada pelo uso da bengala, que tem a função do tato indiretamente.

O ensino das técnicas de orientação e mobilidade (OM) para cegos e surdocegos favorece a essas pessoas a independência da locomoção para irem ao trabalho, chegar as suas residências entre outros lugares, dando-lhe individualidade, autoestima.

No caso da surdocegueira, foram ressaltados por Giacomini (2005) três aspectos que precedem o uso das técnicas.

O vínculo está relacionado na forma de contato em que se estabelecerá com o surdocego, pode ser com o toque na mão, mão na mão entre outros.

A segurança é imprescindível para que o surdocego tenha uma relação de confiança com o seu instrutor, baseado no vínculo, este poderá passar tranquilidade para pessoa surdocega e motivá-lo a exercer as atividades propostas.

A comunicação é um aspecto de grande relevância, já que cada surdocego adota um sistema de comunicação diferente e o seu instrutor deverá ter

conhecimento ou o auxílio de um intérprete para melhor passar as instruções ao seu aluno.

A orientação e mobilidade na surdocegueira propõe o desenvolvimento perceptivo, psicomotor e conceitual.

O desenvolvimento perceptível visa à percepção háptica-tátil, ou seja, reconhecer estímulos de temperatura, objetos, a percepção olfativa e de objetos intermediários no uso da bengala e sapatos.

Psicomotor: relaciona-se com a musculatura, a coordenação dos movimentos, a linearidade da marcha.

Conceitual: ter conhecimento do próprio corpo (esquema corporal), espaço temporal, do ambiente e outros.

Como abordamos, anteriormente, sobre os serviços oferecidos aos reabilitados do (IBC), a orientação e mobilidade faz parte do programa que dispõem de atendimento para surdocegos pré-linguísticos (atendimento de adultos que só tiveram a aquisição de uma língua em fase tardia) e pós-linguísticos. Lembrando que há técnicas específicas para surdocego pré-linguístico e pós-linguístico. Mostraremos as técnicas utilizadas nesta última fase.

OM está centrada nas seguintes técnicas básicas: ¹⁹

●**Técnicas com a utilização do guia-intérprete:** é a técnica de dependência, na qual uma pessoa surdocega colocará a mão no cotovelo de uma pessoa vidente, formando um ângulo de 90º do seu braço e com relação ao guia ficará um passo atrás. Assim obtendo informações corporais que facilitaram o seu deslocamento.

¹⁹ ANCCILOTTO; GIACOMINI; PETERSEN. Sugestões de Estratégias de Ensino para Orientação e Mobilidade. IN MAIA et al. **Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial:** sugestões de recursos acessíveis e estratégias de ensino. 1ª ed. São Paulo: Grupo Brasil, 2010. Cap.3, p. 58-76.

- a) Caminhar a um local desejado,
- b) Mudar de direção,
- c) Trocar de lado (alternar com a pessoa com deficiência, ora no braço esquerdo do guia intérprete, ora no braço direito),
- d) Passar por lugares estreitos,
- e) Aceitar e recusar ajuda,
- f) Subir e descer escadas,
- g) Passar adequadamente por portas, abrindo-as e fechando-as,
- h) Sentar-se,
- i) Saber utilizar objetos para uma conduta social (copos, pratos, talheres e etc.).

● **Técnicas autoproteção:** estas consistem na defesa de obstáculos que possam aparecer e possivelmente causar acidentes.

- a) Proteção inferior – mão à frente do corpo protegendo os membros inferiores,
- b) Proteção superior – mão à frente do corpo protegendo os membros superiores,
- c) Rastreamento com a mão,
- d) Enquadramento e tomada de direção,
- e) Localização de objetos,
- f) Técnica para o cumprimento,
- g) Familiarização de ambientes.

● **Desenvolvimento da orientação espacial:**

- a) Pontos de referência (sapatarias, padaria entre outros).

b) Pistas: táteis, sonoras, olfativas (importante chamar a atenção do surdocego para estas pistas),

c) Medição,

d) Orientação direcionada pelos pontos cardeais,

e) Auto familiarização,

f) Consulta a mapas táteis para reconhecimento de ambientes interno e externo.

• **Técnica da bengala longa ou da pré-bengala:** esta técnica permite que a pessoa detenha independência em seu deslocamento.

a) Conhecimento e manipulação da bengala ou pré-bengala,

b) Empunhadura correta,

c) Saber andar com a bengala e a pré-bengala e o guia-intérprete,

d) Detectar e explorar objetos,

e) Varredura,

f) Uso correto para facilitar a passagem em portas,

g) Subir e descer escadas,

h) Técnica do toque (só usado para a bengala),

i) Técnica para o deslize,

j) Rastreamento do espaço.

3.5- Direitos políticos da pessoa com deficiência na inserção para o trabalho

Para que possamos ter um sistema de inclusão nas áreas de: educação, trabalho, saúde, cultura e lazer; devemos investir no planejamento de políticas públicas eficientes que sejam concretizadas. Ao longo dos anos, muitas leis foram constituídas para que houvesse o atendimento adequado aos deficientes e o reconhecimento da sua cidadania em questão de equiparação de direitos e na prestação de serviços públicos que atendessem suas necessidades especiais temporárias ou permanentes. Veremos alguns tópicos da legislação²⁰ em defesa aos direitos das pessoas surdocegas²¹ e demais deficiências, voltados para o ingresso no mercado de trabalho como: vedação a discriminação, oportunidades e as modalidades de acesso ao trabalho, reabilitação profissional, benefícios, aposentadoria e acessibilidades para a inclusão.

A Constituição Federal Brasileira no título II **Dos Direitos e Garantias Fundamentais**, precisamente, no capítulo II **Dos Direitos Sociais** relata o seguinte: **Art. 7.** São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social.

XXXI – proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência.

A legislação trata sobre a equiparação de oportunidades para deficientes, assim provendo direitos no âmbito do trabalho, da educação e no meio social, assim combatendo qualquer tipo de discriminação que o leve a exclusão.

²⁰ Consultas realizadas na Legislação brasileira sobre pessoas com deficiência [recurso eletrônico]. – 7. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 410 p. – (Série legislação; n. 76) Atualizada em 5/4/2013.

²¹ Direitos das pessoas surdocegas complementação em anexo.

Na seção III **Da Habilitação e da Reabilitação Profissional**

Art. 32. Os serviços de habilitação e reabilitação profissional deverão estar dotados dos recursos necessários para atender toda pessoa portadora de deficiência, independentemente da origem de sua deficiência, desde que possa ser preparada para trabalho que lhe seja adequado e tenha perspectivas de obter, conservar e nele progredir. Nos artigos 30, 31, 33 refletem sobre o mesmo assunto.

Seção IV **Do Acesso ao Trabalho.** A lei aponta no Art. 34 como será a integração dos deficientes no mercado de trabalho e posteriormente as modalidades previstas para a sua inserção.

Art. 34. É finalidade primordial da política de emprego a inserção da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho ou sua incorporação ao sistema produtivo mediante regime especial de trabalho protegido.

Parágrafo único. Nos casos de deficiência grave ou severa, o cumprimento do disposto no caput deste artigo poderá ser efetivado mediante a contratação das cooperativas sociais de que trata a Lei nº 9.867, de 10 de novembro de 1999.

- Colocação competitiva, por meio de processo de contratação regular, nos critérios da legislação trabalhista e previdenciária.
- Colocação seletiva rege as mesmas circunstâncias ditas na anterior, mas depende de apoios especiais para a sua concretização.
- Gerador de trabalho, ou melhor, trabalhador autônomo, cooperativado, recursos econômicos da própria família que visa a sua emancipação financeira e pessoal.

No decreto nº 3.298/99 34, § 1º, observar-se referências quanto à colocação seletiva e a do trabalho autônomo que podem ser contratado por entidades beneficentes de assistência social e prestarem serviços nas entidades públicas e privadas, como também, a comercialização de bens e serviços em programas

de habilitação profissional de adolescente e adulto deficientes em oficina protegida de produção ou terapêutica.

Ainda na seção IV Do Acesso ao Trabalho seguem as normas vigentes no art. 36 e 37 para o acesso do deficiente nas empresas e na participação em concursos públicos.

Art. 36. A empresa com cem ou mais empregados está obrigada a preencher de dois a cinco por cento de seus cargos com beneficiários da Previdência Social para reabilitados ou com pessoa portadora de deficiência habilitada, na seguinte proporção:

I – até duzentos empregados, dois por cento;

II – de duzentos e um a quinhentos empregados, três por cento;

III – de quinhentos e um a mil empregados, quatro por cento; ou

IV – mais de mil empregados, cinco por cento.

Referindo-se a Lei de Cotas para deficientes no mercado de trabalho nº 8.213/91 art. 93 sobre a reserva legal de cargos nas empresas. Sabemos que o governo dá abatimento nos impostos das empresas, quando ela disponibiliza em sua contratação um número de vagas para deficientes.

Art. 37. Fica assegurado à pessoa portadora de deficiência o direito de se inscrever em concurso público, em igualdade de condições com os demais candidatos, para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que é portador.

Visto que vinte por cento no mínimo das vagas estipuladas no edital devem ser reservadas para pessoas deficientes, no caso das vagas serem poucas, a contagem será fracionário, as provas serão adaptadas conforme a deficiência da pessoa, tempo adicional da realização das provas. No ato da inscrição apresentar laudo médico atestando a espécie e o grau ou nível da deficiência mediante ao código correspondente da Classificação Internacional de Doença (CID) e a provável causa da deficiência.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, Art. 59 IV, aponta a educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que representam uma habilidade superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora.

Na LDB ressalta a educação especial, oferecida de preferência em rede de ensino regular, tem como função o preparo do educando no seu ensino e aprendizado de acordo com a sua deficiência, decorrente de professores especializados e materiais adaptados, atuando na sua formação como pessoa capaz de gerir seu próprio sustento.

Salientamos sobre o diagnóstico de uma pessoa que apresenta limitações graves ou severas que o impossibilita a inclusão no mercado de trabalho e assim julgado incapaz, este terá auxílio benefício. O benefício assistencial faz parte da Constituição Brasileira (Art. 203, V, Constituição). Esta lei garante a idosos e pessoas com deficiência que comprovem não possuir meios de prover à própria subsistência e não possuir meios de ter sua subsistência provida por sua família, conforme dispuser a lei.

Alex Garcia (pessoa surdocega) citou na sua entrevista que muitos surdocegos ainda vivem a base de benefício assistencial. Ou seja, pessoas que não podem ser providas por suas famílias recebem a LOAS (Lei nº 8.742/93). Presumimos que há surdocegos que se mantêm deste tipo de benefício como única fonte de renda, devido à falta de oportunidades.

No critério de aposentadoria a **Lei complementar 142**,²² que entra este ano de 2013 em vigor, regulamenta o benefício de aposentadoria especial a pessoas com deficiência.

²² Fonte: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/05/09/aposentadoria-especial-para-pessoas-com-deficiencia-entra-em-vigor-em-seis-meses> << acesso em: 26/07/2013.

A lei disciplina a aposentadoria especial das pessoas com deficiência, instituída pela Emenda Constitucional 47/2005, que modificou o § 1º do art. 201 da Constituição.

- Pessoa com deficiência grave 25 anos de contribuição para homem e 20 anos para mulher.
- Deficiência moderada será de 29 anos para homem e 24 para mulheres.
- Deficiência leve são 33 anos homem e 28 anos mulher.

As pessoas com deficiência também poderão se aposentar com 60 anos – homem e 55- mulher, qualquer grau de deficiência, desde que tenha contribuído pelo menos 15 anos e que comprovem a deficiência neste período. Lembrando que a lei estipula o grau de deficiência a ser atestado por perícia médica do próprio Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)

Decreto-lei 5296 de 2 de dezembro de 2004 regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de dezembro de 2000 e a lei de 10.098, de 19 de dezembro de 2000, na aprovação de projetos de adaptações nas áreas: arquitetônica, urbanística, de comunicação, informação, transporte coletivo, a qualquer tipo de obra que tenha destinação pública ou coletiva, como também, na adaptação de objetos, mobiliário. O Art. 6 na lei expressa sobre o tratamento prioritário e diferenciado e imediato no que refere as pessoas classificadas no Art. 5 como deficientes. No inciso 1º do Art.6 parágrafo III refere-se a: serviços de atendimento para pessoas com deficiência auditiva, prestado por intérpretes ou pessoas capacitadas em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e no trato com aquelas que não se comuniquem em LIBRAS, e para pessoas surdocegas, prestado por guias-intérpretes ou pessoas capacitadas neste tipo de atendimento.²³

²³ <http://www.acessobrasil.org.br/index.php?itemid=43> << acesso em: 23/07/2013

Esta lei tem como fundamento a inclusão e favorecer a autonomia do deficiente através da acessibilidade, assim empregadas pelas ferramentas das tecnologias de informação (TI) e as tecnologias assistivas (TA) que muito veem contribuindo neste processo de inclusão.

A acessibilidade surgiu no intuito de oferecer condições básicas de independência para indivíduos que precisam de adaptações em desempenhar funções, as quais encontram - se limitados em fazer temporariamente ou contínuo, devido a alguma deficiência. Visto que, no mundo em que os objetos, ruas, prédios entre outros foram confeccionados para atender uma população “convencional” que pudessem usá-lo no seu cotidiano, foram sendo adaptados sob o regime de Lei, fornecendo meios mais acessíveis para esta clientela.

A acessibilidade para o surdocego recorre aos meios assistivos²⁴ do cego e do surdo, sendo que devido à peculiaridade de ser uma deficiência única, esta apontaria a uma variedade muito mais ampla, por que a surdocegueira não tem como ser compensada pela falta do outro sentido. Como no caso do surdo, ele compensa com a visão, e o cego com a audição. Destacaremos algumas adaptações: pisos com texturas diferentes e não escorregadios, amplificadores de sons, materiais ampliados e com contrastes, placas em braille, scanners e computadores com programas de ampliação de tela. Para o surdocego brasileiro a acessibilidade não passa de uma utopia que está muito longe de ser uma realização concreta. Temos equipamentos sendo projetados para atender as barreiras do surdocego (a comunicação), porém esses equipamentos, em grande parte, são feitos e usados em surdocegos de outros países.

²⁴ Meios assistivos para surdocegos em anexo.

CONCLUSÃO

Chegamos ao término da nossa pesquisa, a qual, procuramos demonstrar um pouco do universo das pessoas que vivem sem som e na escuridão, na verdade a escuridão está naqueles que desconhecem a existência de pessoas com esta deficiência. Em pleno século XXI a pessoa surdocega ainda é negligenciada pela sociedade em geral: governantes, a população e até mesmo entre familiares. Não há estatísticas que apontem a existência de pessoas com esta deficiência no Brasil, ou melhor, que contabilizem quantas pessoas possuem surdocegueira, nem mesmo as poucas instituições que os recebem souberam responder.

A surdocegueira é uma deficiência multissensorial, apesar de muito pouco tempo ainda era classificada como uma deficiência múltipla, algumas instituições que tratam desta, ainda recebem pessoas com surdocegueira. A privação dos sentidos visuais e auditivos fará com que outros sentidos sejam explorados para amenizar a falta daqueles. A importância de ser fazer perceber os sentidos remanescentes (tato, audição, paladar, olfato) ajudará na sua formação conceitual com relação a objetos, pessoas entre outros. Nota-se que estes sentidos nunca substituíram a visão e a audição comprometidas, mas uma forma de compensar.

Dar um meio de comunicação ao surdocego, sem dúvida, é o primeiro passo para a cidadania. A comunicação para o surdocego é sinônimo de identidade, quando ele apreende um dos meios de comunicação que esteja de acordo com a sua necessidade, ele está abrindo-se para novas vivências, pois é a partir dela que ele poderá se expressar, interagir com outras pessoas e compreender o mundo em que vive. Assim, diríamos que é o mesmo que sair do isolamento. Falamos muito do pré-linguístico e do pós-linguístico, como se os surdocegos fossem divididos entre dois mundos. Independente de quando recebeu a concepção da língua, a pessoa surdocega pode se desenvolver tanto na educação quanto profissionalmente desde que lhe apresente

oportunidades. Dar formação a uma pessoa surdocega requer perseverança, dedicação, estímulos, ministrar atividades que ele possa exercer dentro do seu tempo e da sua limitação. É um processo moroso que dispõem de um grupo de profissionais integrados para a sua formação. A família presente e participativa é muito importante nesta integração social do surdocego.

Entre as poucas instituições, ongs e associações que têm programas na área educacional e profissional para a surdocegueira, nos Estados Brasileiros, ainda encontram muitas barreiras para desenvolvê-los. Faltam profissionais capacitados, investimentos, algumas seguem programas de pesquisas adotados em outros países. Percebemos que elas estão mais voltadas, apenas, para a questão educacional. Enquanto, na área profissional há um número muito restrito que se disponibiliza em dar suporte, provendo cursos técnicos.

A realidade do surdocego nos estados brasileiros, infelizmente, não otimizam uma boa perspectiva de incluí-los no mercado de trabalho, pois há estados que eles terão atendimento em conjunto com outras deficiências ou nem serão recebidos. O Brasil não desenvolve tecnologia assistiva para surdocegos, que possibilitaria no seu cotidiano e nas empresas.

A lei assegura ao surdocego ter um guia-intérprete para sua locomoção e comunicação em diversos ambientes, mas nem todo lugar ele terá acesso a este serviço pela falta de profissional qualificado. Mesmo com a Lei de Cotas, vimos na nossa pesquisa que poucos surdocegos foram integrados no mercado de trabalho. Destacamos alguns fatores que inviabilizaram: a baixa escolaridade das pessoas, cursos sem certificação, opção pelos benefícios (LOAS), preferência pela aposentadoria “prematura” para os que já trabalhavam e tiveram a sua segunda perda sensorial, recebimento de pensões (por morte de pais), pouco interesse por parte das empresas.

A verdade é que as empresas não estão estruturadas para receberem uma pessoa surdocega, preferem pessoas que tenham apenas uma limitação, ser surdo ou ser “cego”, que este seja pelo menos baixa-visão. Seria um

preconceito ou simplesmente desconhecimento de como se direcionar a uma pessoa com esta deficiência. As empresas querem profissionais que apresentem produção quantitativa em tempos mínimos, este não representa o perfil de uma pessoa surdocega.

Concluimos que para incluirmos uma pessoa surdocega no mercado de trabalho seria necessário que as empresas tivessem um suporte para conhecer e como receber surdocegos, assim também pudessem oferecer treinamentos para que eles pudessem crescer dentro da empresa. Seria o ideal que as empresas se motivassem a receber deficientes não pensando nas vantagens fiscais ou pela imposição de cotas, mas que concedessem o Direito Constitucional de equiparação de oportunidades.

BIBLIOGRAFIA

ANCCILOTTO; GIACOMINI; PETERSEN. **Sugestões de Estratégias de Ensino para Orientação e Mobilidade**. IN MAIA et al. Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: sugestões de recursos acessíveis e estratégias de ensino. 1ª ed. São Paulo: Grupo Brasil, 2010. Cap.3, p. 58-76

AULT, Ruth L. **Desenvolvimento cognitivo da criança**. A teoria de Piaget e a abordagem de processo. Ed. Zahah, RJ, 1978.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37, Ed. Rio de Janeiro: Lucena, 1999.

BOATO, Elvio Marcos. **Henri Wallon e a deficiência múltipla: uma proposta de intervenção pedagógica**. Ed. Loyola, São Paulo, 2009. 147p.

BRANDÃO, Sílvia Regina Silva. **Desempenho na linguagem receptiva e expressiva de criança com síndrome de Down**, 2006. 164p. Dissertação (Mestrado em comunicação humana)- Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, RS, 2006.

CEDER- Nascimento, Fatima Ali Abdalah Abdel; COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Descobrimos a surdocegueira: educação e comunicação**. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2005. 78p.

GARCIA, Alex. **Surdocegueira: Empírica e Científica**, 2008, 132p.

GIACOMINI, Lilia; SARTORETTO, Maria Lucia; BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. **A Educação escolar na perspectiva da inclusão escolar: orientação e mobilidade, adequação postural e acessibilidade espacial**. Brasília: MEC, SEES- Fortaleza. UFC. 2010. V. 7, 44p.

GOMES, M. R. A educação do surdocego e do deficiente múltiplo no INES In: **Anais do Congresso do INES**, Rio de Janeiro, 2007.

GRUPO BRASIL: **surdocegueira e múltipla deficiência sensorial**, 2005, 43p.

_____. Legislação brasileira sobre pessoas com deficiência [recurso eletrônico]. – 7. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 410 p. – (Série legislação; n. 76) Atualizada em 5/4/2013.

MAIA, Shirley Rodrigues; ARAÓZ, Susana Maria Mana; IKONOMIDIS, Vula Maria. **Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: sugestões de**

recursos acessíveis e estratégias de ensino. Grupo Brasil, São Paulo, 2010. 198p.

MAZZARO, José Luiz. Mas, afinal, o que é orientação e mobilidade?(p.17) In. MACHADO, Edileine Vieira [et al.]. **Orientação e Mobilidade: Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual** - Brasília: MEC, SEESP, 2003 167 p.

NUEMBERG, Adriano Henrique. Contribuições de Vygotsky para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun. 2008.

PENA, Antônio Gomes. **Comunicação e linguagem**. RJ, Eldorado Tijuca, 1976. 221p.

_____Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdocegueira/ múltipla deficiência e sensorial. Brasília: MEC/ SEESP, 2005. V. 6, 79p, (Educação Infantil; v.6)

WEBGRAFIA

Documentário “As Borboletas de Zagorsk”. BBC, 1992. Parte V. Web: <URL>
http://www.youtube.com/watch?v=aLQ1wSbc_xY < acesso em: 10/07/2013.

SILVA, Ivana. Síndrome de Usher: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/bis/Infantil/sindrome-usher.htm> < acesso em: 08/06/2013.

<http://www.agapasm.com.br/multideficiente.asp> < acesso em: 04/06/2013

www.aswolfram.org/sindrome.html < acesso em 08/06/ 2013

www.ghr.nlm.nih.gov/condition/wolfram-syndrome < acesso em 08/06/2013

<http://dvsepedagogia.blogspot.com.br/2009/04/um-pouco-sobre-surdocegueira.html> < acesso em: 08/06/2013

[http://www.ahimsa.org.br/centro_de_recursos/projeto_horizonte/TRANSTORN OS_SENSORIAIS.pdf](http://www.ahimsa.org.br/centro_de_recursos/projeto_horizonte/TRANSTORN_OS_SENSORIAIS.pdf) < acesso em: 10/07/2013

<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/05/09/aposentadoria-especial-para-pessoas-com-deficiencia-entra-em-vigor-em-seis-meses> << acesso em: 26/07/2013.

<http://www.acessobrasil.org.br/index.php?itemid=43> << acesso em: 23/07/2013

<http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/reabilitacao/reabilitacao.htm> < acesso em: 13/07/ 2013

ANEXOS

Índice de anexos

Anexo 1 << Imagens de alguns meios de comunicação

Anexo2<< Entrevista com a professora do setor de surdocegueira (PAAS)

Anexo3<< Entrevista com Alex Garcia (pessoa surdocega)

Anexo4<< Mapa conceitual de aprendizagem

Anexo5<< Históricos de surdocegos que obtiveram uma formação profissional

Anexo 6<< Direitos das pessoas surdocegas

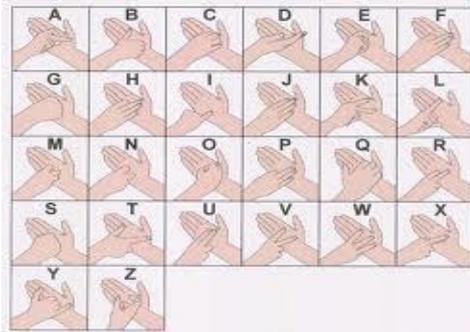
Anexo 7<< Tecnologia assistiva para surdocegos

Anexo 8<<Como se direccionar a uma pessoa surdocega

ANEXO 1

Imagens de alguns meios de comunicação

Alfabeto manual para surdocego



Tadoma



Intérprete



Máquina perkins



Linha Braille



CCTV



ANEXO 2

Entrevista com a professora do setor de surdocegueira (PAAS)

1- Nome:

Mariana Gonçalves Ferreira de Castro

2- Qual é a sua área de formação?

Graduada em Pedagogia e intérprete de LIBRAS, Pós-graduada (especialização) em Deficiência Auditiva, Qualificação em Magistério Superior. Mestrado em Educação.

3- Quanto tempo trabalha com a surdocegueira?

Iniciei com guia-intérprete na Prefeitura de Niterói atendendo em escolas municipais alunos com deficiência múltipla no período de 2001 a 2009. Também como guia intérprete em eventos da ABRASC e particular do Carlos Jorge. Estou no IBC desde 2010.

4- Quantos reabilitando são atendidos atualmente pelo PAAS?

Em 2013 são 9 reabilitandos, em 2012 foram 13

5- Qual é a faixa etária?

A faixa etária mínima é de 16 anos e não há limite de idade. Atualmente, a menor idade da pessoa que estamos é de 19 anos e as outras de idade variada.

6- Há um período para eles permanecerem na reabilitação?

Para a reabilitação no geral do DMR (departamento de estudos e pesquisas médicas e reabilitação) o período é de 2 anos. Para o PAAS (não está registrado no organograma da instituição) que está dentro do DRT, o qual se encontra vinculado ao DMR, o período pode se estender de acordo com a dificuldade de cada um, pois pode demorar anos para um surdocego se considerar reabilitando, quando este chega ao PAAS com déficit na comunicação. Há pessoas que chegam sem comunicação nenhuma e na PAAS começam a desenvolver uma que atenda a sua condição de perda. Eu já vejo a reabilitação de uma pessoa surdocega quando ele deixa o isolamento e consegue sair de casa, isto já é um motivo de conquista que vai além de ser incluído para o trabalho- a reabilitação social.

7- Estes reabilitados trabalhavam anteriormente a perda ou as perdas sensoriais?

O pós-linguístico são pessoas que nascem surdas e perdem a visão na adolescência.

Sim. Tivemos o caso da Solange, nasceu surda, era bancária e com a perda da visão parou de trabalhar.

8- O surdocego tem condições de exercer uma atividade rendável?

Sim. Desde que haja oportunidade e acesso a uma língua o mais cedo possível.

9- Entres os graus de perda do surdocego pré-linguístico e do pós-linguístico, poderemos dizer que o surdocego pós-linguístico tem mais vantagens que o pré-linguístico e por isso ele teria mais facilidade de entrar para o mercado de trabalho? Ou o pré-linguístico pode também ter a mesma desenvoltura para poder conseguir uma atividade?

Não há interferência em ser um surdocego pré-linguístico ou pós. Desde que o pré-linguístico tenha uma boa estimulação precoce, terapeutas ocupacionais, não há diferenças. O importante para estas pessoas tanto pré ou pós-linguístico é o apoio familiar, ter uma família consciente e participativa, que não os exclua ou proteja demais. Ter oportunidades de acesso social, educacional, linguísticos, estas pessoas poderão ter uma história de sucesso.

10- O PAAS dá formação ou capacitação para o surdocego ter seu próprio sustento? Como é feito?

Atualmente está muito precário. Temos o CEJA (Centro Educacional Estudo supletivo de Jovens e Adultos) que pertence ao governo do Estado, este aluga um espaço do IBC para implantar o CEJA. O instituto encaminha as pessoas com idade avançada para o CEJA, e lá eles concluem o ensino fundamental e médio. Temos alunos aqui do PAAS no CEJA, mas como lá o número de intérpretes é muito pequeno, nós atuamos no PAAS também como sala de recursos para tirar dúvidas e ajuda-los da melhor forma. As oficinas na reabilitação são oferecidas de acordo com o interesse e a necessidade do reabilitando. Estas oficinas não oferecem certificado, mas funcionam para o desenvolvimento de suas habilidades motoras finas e grossas. A cerâmica serve para desenvolver o tato. Há pessoas que querem informática, outras escolhem piano.

11- A instituição tem algum convênio com empresas que recebam deficientes multissensoriais?

Já tivemos com o SENAI

12- Há surdocegos encaminhados para algum emprego ou que estejam trabalhando?

Temos o caso da Rosana, com formação em massagista, que foi indicada pelo NUCAPE (Núcleo de capacitação e empregabilidade). No caso pré-linguístico, nós temos o Claudio que nasceu surdo e com glaucoma, ele tem baixa visão e trabalha

na imprensa braille no IBC. Também temos o Carlos Jorge que trabalha na ABRASC.

13- Há atividades específicas para o surdocego ou ele pode trabalhar em qualquer função?

Eles só não poderiam exercer aquelas profissões que exigissem justamente as áreas de suas limitações como: médico, policial entre outras. Mas eles poderiam está relacionados em atividades motoras como: encadernador, massoterapeuta, professor, fisioterapeuta, artesão, sommelier de vinhos, barista – café, degustador...

14- O que seria necessário para incluir um surdocego no mercado de trabalho?

Uma grande parte não tem o interesse em trabalhar, pois recebem benefícios. Há pessoas que recebem altas pensões de pai ou mãe e só vê o trabalho como uma atividade mental para se distrair.

O que seria necessário nas empresas é ter um guia-intérprete, e as pessoas que convivam com o surdocego terem o conhecimento de comunicação dele. (LIBRAS ou outra) Seria importante que a empresa e as pessoas que o cercam no seu trabalham entendam a limitação da pessoa surdocega, pois a cobrança de produção não poderia ser a mesma dos demais. Tudo no surdocego tem um tempo diferente das pessoas sem deficiência, pois eles levam um tempo maior. Também ia ser bom que a empresa tivesse um meio de condução que o levasse para casa, a implantação da acessibilidade na empresa para facilitar o trabalho e o convívio com o surdocego. Ou seja, dá condições de trabalho, já que cada pessoa é única.

15- Sobre o sistema de cotas, o surdocego tem sido beneficiado para ser incluso em concursos, empresas entre outros.

Não. Quando se fala que a pessoa é surdocega ficam horrorizados e se mostram espantados em saber que existem pessoas com esta deficiência. As empresas sempre buscam pessoas que tenham apenas a cegueira ou a surdez, ou que enxerguem pouco. Eles também não querem ter custos com um guia-intérprete. Quando a uma pessoa de baixa visão e surdez ainda há melhores oportunidades, mas surdocego total é impossível.

ANEXO 3

Entrevista com Alex Garcia (pessoa surdocega)

Perfil do entrevistado: Alex Garcia (pessoa surdocega) nasceu em 1976, RS, com uma rara síndrome que causam a surdocegueira progressiva. Estudou em escola regular e foi o primeiro surdocego brasileiro a cursar uma universidade. Assim graduado em Educação Especial na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pós-graduado (especialista) em Educação Especial pela mesma Universidade. Trabalhou como Chefe da Unidade de Deficientes Múltiplos e Coordenador do Núcleo de Surdocegueira da FADERS - Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Altas Habilidades do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Professor, palestrante, escritor e com vários artigos publicados sobre a surdocegueira e a cidadania dos deficientes. Atualmente, é presidente-fundador da AGAPASM – Associação Gaúcha de Pais e Amigos dos surdocegos e Multideficientes, que mantém uma atuação nacional e internacional utilizando-se dos recursos da informática. Dando todo respaldo de informação, apoio e cursos para atuar com deficientes surdocegos.

1- Como é o ao processo de formação ou capacitação?

R: Este processo vai depender de que surdocego estamos falando. Pré ou Pós-simbólico?

2- Entres os graus de perda do surdocego pré-linguístico e do pós-linguístico, poderemos dizer que o surdocego pós-linguístico tem mais vantagens que o pré-linguístico e por isso ele teria mais facilidade de entrar para o mercado de trabalho? Ou o pré-linguístico pode também ter a mesma desenvoltura para poder conseguir uma atividade?

R: Não se cogita emprego como você conhece para surdocegos pré... Estas pessoas justamente não possuem comunicação. Devem desenvolver e receber educação - praticamente toda a vida de relação... Aí sim ganham o emprego como você conhece.

3- Tipos de atividades que o surdocego pode desenvolver?

R: A pessoa surdocega pode desenvolver desde trabalhos simples (é a regra no Brasil) até mesmo se tornar um doutor em determinada área do conhecimento (foge a regra do Brasil)

4- Quanto à questão da acolhida deles no campo de trabalho dentro das empresas se é bem receptiva.

R: Quando acontece, em geral, esta acolhida é bastante complexa - creio na acolhida mais complexa entre todas as pessoas com deficiência - justamente pelas questões comunicativas. As "barreiras" na comunicação vão trazer a impaciência e a distância, fatores estes que podem - e irão - tornar a acolhida bastante traumática, a ponto de abandonar a empresa e/ou o emprego.

5- Qual o percentual de surdocegos trabalhando? Até mesmo atividades manuais que proporcionam renda.

R: Com franqueza a pessoa surdocega praticamente não trabalha - salvo raras exceções - como outra pessoa. Estão quase todos no trabalho manual com renda incerta. Quase todos possuem e vivem na verdade da pensão-benefício.

6- O que você acha do sistema de cotas para deficiente e se isso favoreceu para o surdocego? (Lembrando que a minha pesquisa é sobre a perspectiva de inclusão do surdocego no mercado de trabalho).

R: A cota é boa, mas não seria o X da coisa. O X é educação de fato... Para o surdocego a educação é fundamental. Não tenho saberes se as cotas apoiam surdocegos. Realmente creio que as cotas podem colaborar com aqueles que ainda possuem resíduos - não são considerados surdocegos - mas o temor é esse. E depois? A perda se acentua e são demitidos.

ANEXO 4

Mapa conceitual de aprendizagem

Exemplo de: Mapa Conceitual
Aluno com de surdocegueira e com deficiência múltipla
Competências a serem desenvolvidas em uma situação de aprendizagem



ANEXO 5

Históricos de surdocegos que obtiveram uma formação profissional

BERTHA GALERON DE CALONNE (1859/1934)

Nascida em Paris, quando tinha 6 anos de idade perdeu a visão, provavelmente, devido ao descolamento de retina, em ambos os olhos, provocado por uma pancada na cabeça ao rolar a escada de sua residência. Aos 30 anos perdeu a audição. Terminou o curso básico e aprendeu o Sistema Braille com as freiras do Convento de São Paulo, na sua cidade natal. Mais tarde, quando seu pai foi nomeado professor de literatura no Liceu de Rennes (região da Bretanha) Bertha iniciou seus estudos de Filosofia. Voltando a Paris, no entanto, não quis continuar o Curso pois, como seu pai, sentia uma forte atração pela Literatura, mais precisamente pela poesia. Em 1887, envia parte dos originais de sua antologia poética “Dans ma nuit” a Stephan Mallarme para que os avaliasse. Mallarme, numa longa carta, tece elogios à obra e acrescenta: “Sua poesia é pura e eterna.” Em 1889, sem que os médicos soubessem explicar a causa, acordou, uma manhã, completamente surda de um ouvido e quase surda do outro. Um ano depois estava totalmente surda. Ainda assim, continuou escrevendo com a mesma inspiração, serenidade e ternura as poesias que enriqueceram as sucessivas edições de sua antologia poética.

RAGNHILD KAATA (1873/1947)

Nasceu em Vester Slidre - Noruega, em 14 de maio de 1873. Aos 4 anos de idade, foi acometida por uma grave enfermidade, que os médicos não puderam diagnosticar, em consequência da qual perdeu a visão, a audição, o olfato e o paladar. Aos 14 anos foi admitida, como aluna interna, no Instituto para Surdos de Hamar - Noruega – cujo Diretor, Elías Hofgard, assumiu a tarefa de educá-

la. Após alguns meses de perseverantes e infatigáveis esforços, Ragnhild começou a pronunciar algumas palavras. Em vista desse sucesso foi iniciada no aprendizado do Sistema Braille e assim, chegou a ter amplos conhecimentos de Geografia, Gramática e Aritmética. Entretanto, desenvolver atividades de trabalhos manuais era o que mais gostava. Sua extrema habilidade em tecer qualquer tipo de trama, fazer meias e os mais variados artigos de malha, lhe permitiu ganhar seu próprio sustento quando saiu do Instituto de Hamar, aos 22 anos.

HELEN KELLER (1880/1968)

É, sem dúvida, a mais conhecida e um dos mais extraordinários exemplos de coragem e força de vontade. Com a inestimável ajuda de sua incansável professora Anne Sullivan, mostrou ao mundo as imensas possibilidades do ser humano. Helen Keller nasceu no Alabama – Estados Unidos. Perdeu a visão e a audição quando tinha 1 ano e meio de idade, em consequência, provavelmente, da Escarlatina. Anne Sullivan Macy, indicada por Alexandre Graham Bell - amigo da família - para educar a pequena Helen, iniciou seu trabalho tentando estabelecer a comunicação com a criança ao relacionar os objetos às palavras através da soletração do alfabeto manual. Helen, que nessa ocasião não havia completado ainda os 7 anos, aprendeu, assim, a soletrar, com o uso das mãos, várias palavras, embora nenhum indício levasse a crer que a criança tivesse consciência do significado das mesmas. Foi quando Anne Sullivan colocou as mãos de Helen Keller sob a água que era bombeada do poço e soletrou a palavra “água”, com o alfabeto manual, que os sinais atingiram sua mente com um significado claro. Ao fim daquele dia, Helen já estabelecera a relação de 3 dezenas de palavras com os objetos do mundo ao seu redor. Logo, ela aprendeu os alfabetos braille e manual e, aos 10 anos, iniciou a aprendizagem da fala. A partir de então, com a ajuda de Anne Sullivan, não mais parou sua escalada em busca de novos conhecimentos. Assim, aos 24 anos recebeu seu diploma de Filosofia na Universidade Radcliffe e, continuando sua trajetória, fez jus, ao longo de sua vida, a inúmeros títulos,

homenagens e diplomas honorários em reconhecimento por seu trabalho em prol do bem estar das pessoas cegas e surdocegas e, sobretudo, pelo exemplo vivo das imensas e ricas possibilidades do potencial humano. Entre 1946 e 1957, Helen Keller visitou 35 países, inclusive o Brasil, onde esteve em diversas entidades públicas e particulares. Realizou palestras, participou de conferências e mesas-redondas, foi entrevistada e recebeu homenagens. Por essa ocasião, em maio de 1953, quando de sua visita ao Rio de Janeiro, esteve no Instituto Benjamin Constant, onde recebeu carinhosas homenagens de alunos e funcionários. No dia de sua morte, o Senador Lister Hill, do Alabama, assim se expressou: “Seu espírito perdurará enquanto o homem puder ler e histórias puderem ser contadas sobre a mulher que mostrou ao mundo que não existem limitações para a coragem e a fé”.

EUGENIO MALOSSI (1885/1930)

Nascido em Avellino - Itália perdeu a visão e a audição quando, aos 2 anos de idade, contraiu Meningite. Em 1895, teve início sua educação graças à dedicação do professor Francisco Artusio, do então recém-fundado “Instituto Domenico Masturcelli”. Ainda adolescente produzia, em seu bem equipado ateliê, os mais variados trabalhos de artesanato e, deixando aflorar sua vocação pela mecânica, consertava qualquer máquina que apresentasse algum problema. Porém sua sede de saber não se limitava ao artesanato e à mecânica. Assim, com a ajuda de uma amiga, chegou a aprender vários idiomas, o que lhe possibilitou ler, no Sistema Braille, obras de mecânica de diversos autores estrangeiros. Aos 40 anos, foi nomeado professor de mecânica do “Instituto Paolo Colosimo”, em Nápolis, onde, com sua personalidade enérgica e firme, desenvolveu um trabalho preciso e profícuo. Em uma de suas viagens visitando uma fábrica, em Berlim, exclamou observando a avançada tecnologia da maquinaria: “Cada dia estou mais agradecido a Deus por me ter dado a vida”.

OLGA IVANOVNA SKOROJODOVA (1914/1987)

Nasceu numa aldeia ao Sul da Ucrânia. Aos 5 anos de idade teve Meningite e, como sequela da doença, ficou surda, cega e parálitica. Com grande esforço conseguiu voltar a andar com a ajuda de uma muleta que às vezes usava como bengala. Dotada de férrea força de vontade e ardente desejo de aprender, aos 11 anos de idade, começou a ser educada pelo professor Ivan Sokolyanski, chegando mais tarde a doutorar-se em Psicologia e Ciências Pedagógicas. Olga gostava de corresponder-se com pessoas cultas, tendo conservado algumas cartas que lhe escreveram várias personalidades. Dentre estas se destaca uma datada de 3/1/1933, e assinada pelo conhecido escritor Gorki: “Querida Olga, sua vida é simplesmente um milagre; um desses maravilhosos vetores de luz tanto do nosso trabalho como de todo espírito elevado.” Ao longo dos seus 73 anos de vida, publicou várias obras, muitas delas traduzidas para diversas línguas. Num de seus livros “Como percebo e imagino o mundo que me cerca”, descreve suas impressões da natureza e da vida cotidiana: “Sinto que uma vida intensa se desenvolve ao meu redor e anseio participar dela como todos os seres humanos”.

CESAR TORRES CORONEL (1917/1985)

Nascido em Madrid, tinha 22 meses de vida quando perdeu a visão e a audição em consequência da Varíola. Ao completar 7 anos teve início sua educação no “Colégio Nacional de Sordomudos y Ciegos”, na mesma Madrid, sob a orientação da excepcional pedagoga Rafaela Rodrigues Placer, que durante 13 anos se dedicou inteiramente à educação do rapaz. Assim, Cesar obteve o título de Bacharel no “Instituto Cardenal Cisneros”, graças a uma férrea força de vontade e ao incentivo e orientação de sua mestra. Fiel cumpridor de suas obrigações, respeitado e querido tanto pelos seus superiores como por seus colegas de trabalho, viveu dignamente até o fim de sua vida unicamente de seu salário.

DR. ROBERT J. SMITHDAS (1925)

Nasceu na Pensylvania - Estados Unidos no dia 7 de junho. Ficou cego e mais tarde totalmente surdo, em consequência da Meningite, quando tinha 4 anos e meio de idade. Aos 25 anos recebeu seu diploma de Bacharel em Artes da Universidade de St. John. Foi agraciado, ainda, com os graus honorários: Dr. em Letras do Gaullaudet College e Dr. em Humanidades pela Western Michigan University. Trabalhou no Setor de Relações Comunitárias do Lar Industrial para Cegos e, em 1977, foi Diretor de Educação Comunitária do Centro Nacional Helen Keller, demonstrando com sua atuação profissional que a surdocegueira não é impedimento para metas educacionais. “É importante que o surdocego conheça tanto suas limitações como seu potencial; mas é de igual importância que as pessoas com quem ele convive também as conheçam”. Robert Smithdas

LEONARD C. DOWDY (1927)

Nasceu no Missouri - Estados Unidos. Perdeu a visão e a audição quando tinha 1 ano e meio de idade. Estudou na “Perkins School” onde aprendeu Matemática, Geografia, História e toda espécie de trabalhos manuais em madeira e metal. Trabalhou na Companhia Peterson de Manufatura onde desenvolveu atividades nas linhas de montagem das bombas para pneus e de faróis dentre outras “muitas e variadas coisas.” Casado com Beth K. Dowdy, também surdocega, construiu no terreno de sua casa, com a ajuda de um amigo, a sua própria oficina de carpintaria onde costuma pôr em prática o seu hobby: trabalhar com madeira. Quando, em 1977, participou, em São Paulo, do “I Seminário Brasileiro de Educação de Deficiente Audiovisual” relatou em sua palestra: “Depois de morar em um apartamento por 5 anos, após o nosso casamento, compramos a nossa casa. Sendo donos de uma casa nós podemos ter experiências muito duras, mas nós gostamos mais do que viver num apartamento, onde nada acontece de especial.”.

VALISE AMADESCU (1944)

Nasceu na Romania, no dia 4 de setembro. Perdeu a visão e a audição em consequência da Meningite, quando tinha 2 anos e meio de idade. Aos 11 anos iniciou sua educação na Escola Especial para Cegos, em Cluj, România, onde com sua enérgica professora Miss. Florica Sandu aprendeu a falar e adquiriu os conhecimentos básicos. Mais tarde, com a ajuda de outros professores, alargou seus conhecimentos estudando História, Literatura, Geografia, Matemática e Física. Formou-se em Psicopedagogia na Universidade de Cluj. Logo a seguir empregou-se como professor na Escola Especial para Cegos, na mesma cidade, onde exerce a função com a ajuda de sua professora Georgeta Damian. “Eu estou convencido que o caminho que eu escolhi, embora bastante difícil, pode ser trilhado com sucesso por qualquer pessoa deficiente.” Valise Amadescu.

ANEXO 6

Direitos das pessoas surdocegas

Direitos das pessoas surdocegas

O Surdocego é o indivíduo que apresenta perdas visual e auditiva combinadas. Algumas pessoas surdocegas apresentam perdas totais desses sentidos, outras não, podendo manter resíduos auditivos e/ou visuais. Direitos das pessoas surdocegas. Promulgado em Estocolmo em 1991 na IV Conferência Mundial "Hellen Keller".

- 1) Todo país deve criar um censo demográfico de sua população surdocega para planejar serviços de atendimento.
- 2) A surdocegueira é uma deficiência única, e não a simples soma de duas deficiências e por isto requer serviços especializados.
- 3) É imprescindível dispor de profissionais altamente especializados em cada país e solicitar o auxílio de outras nações para o desenvolvimento dos mesmos.
- 4) A comunicação é a barreira mais importante para o surdocego no seu desenvolvimento pessoal e educacional. Portanto deve-se dar prioridade ao ensino de técnicas e/ou métodos de comunicação eficazes utilizando todos os sentidos remanescentes.
- 5) Todo país deve oferecer oportunidades para a educação especializada aos surdocegos.
- 6) O surdocego pode ser incluso e vir a ser produtivo; devem-se estabelecer programas de capacitação e inclusão profissional.
 - 7) É necessário dar prioridade à preparação profissional de guia-intérpretes, imprescindíveis para garantir o exercício da cidadania aos surdocegos.
- 8) Devem-se facilitar sistemas alternativos de residência para o surdocego adulto de acordo com sua capacidade e preferência.
- 9) A sociedade tem o dever de facilitar ao surdocego possibilidades de lazer e inclusão com a comunidade.
- 10) É essencial que se divulguem as possibilidades, necessidades e conquistas dos surdocegos para que a sociedade colabore na implementação de serviços governamentais e comunitários.

Obs.: Fica proposto a criação da Semana de Conscientização "Hellen Keller". A Semana Hellen Keller ocorre no mês de junho próximo ao dia 28, porque se refere a data de nascimento de Helen Keller, a mais famosa pessoa surdocega da história. Tradução da versão em espanhol extraída do Estatuto da "Asociación de Padres de Personas Sordociegas de la Republica Argentina". Tradução: Susana M.M. Aráoz Grupo Brasil 1998 – revisado em 2001/2006

Disponível em: <http://lucelia-surdocegueira.blogspot.com.br/2006/11/direitos-das-pessoas-surdocegas.html> Acesso em: 08 jul. 2012

ANEXO 7

Tecnologia assistiva para surdocegos



EQUIPAMENTOS PARA PESSOAS SURDOCEGAS

Este material descreve os equipamentos que são utilizados por ou particularmente aptos para ser utilizado pela pessoa surdocega. Muitos destes equipamentos são auxiliares à comunicação. Alguns ainda estão sendo desenvolvidos.

Luva Alfabética

É uma luva branca com as letras do alfabeto escrita em vários lugares dela. Isto permite que uma pessoa que não conhece nenhum alfabeto manual para se comunicar com a pessoa surdocega utilizando a luva e tocando as letras em sucessão. A pessoa surdocega simplesmente sente onde elas estão sendo tocadas para saber a letra que está sendo enviada.

Comunicador de Letra em Bloco

Este aparelho portátil é designado para pessoas que não são capazes de ler em braille. Os caracteres que você pode sentir são um tipo de letra em bloco (um caractere por vez). Entretanto este equipamento funciona só de um modo, então a pessoa surdocega precisa ser capaz de responder com a fala.

Leva algum tempo para ter prática para que a pessoa surdocega esteja capaz de reconhecer os caracteres.

Braille Lite

É um aparelho como o Braille e Speak, feito pela Blazie Engineering, mas ela tem um display em braille nele bem como fala. A fala pode ser desligada.

Braille Closed Caption Decoder

Converte o closed caption americano da TV para braille 1 ou 2.

Brailletalk

É uma caixa de plástico pequena preta, com o tamanho de um cartão postal e com aproximadamente 1 cm de espessura. Ele se abre como um livro e tem símbolos em braille de A-Z, o e um sobre o qual estão impressos em tipo Roman.

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação de Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A."
Fonte: www.deafblind.co.uk/equipment.html - Baseado no texto: Equipment for Deafblind People.
Tradução: Laura Monteiro Aricilloto/2003 - Parte de dissertação de mestrado de Shirley R. Maiz/2004 - Diretrizes Básicas para Pessoas não Especializadas - Universidade Presbiteriana Mackenzie.



A pessoa vidente guia o dedo da pessoa surdocega para a cela apropriada, soletrando a mensagem.

CUPID – Computador Utilizado pelos incapazes de escrita impressa.

É um sistema o qual é designado para pessoas que utilizam o toque, visão ou som para acessar informação. É um organizador, processador de palavras e auxiliar de comunicação desenvolvido por Cloudworld Ltda.

Aparelho de Apoio ao Braille no Dedo

O sistema de braille no dedo envolve trocar os dedos opostos das pessoas (3 na esquerda e 3 na direita) para expressar os caracteres do sistema braille. Isto permite uma comunicação rápida e confiável, mas é limitado a conversações entre 2 pessoas. Este aparelho foi desenvolvido para permitir que várias pessoas participem de uma conversação simultaneamente em resposta ao toque do emissor no sensor, a mensagem é transmitida nas costas das pontas dos dedos do receptor.

Flat Magnética Stainless Steel Speakers

Um equipamento suplementar para auxiliar de recepção de rádio frequência para pessoas surdocegas. A frequência deste equipamento é de aproximadamente 800 ciclos. Ele dá um poder máximo nesta frequência.

Hand Tapper

Este aparelho permite que a pessoa surdocega que utiliza o alfabeto manual britânico para utilizar o telefone. Existe uma no topo da unidade e a pessoa descansa a mão nela. Botões são apertados contra os dedos para formar os caracteres do alfabeto manual britânico.

Este projeto ainda está em desenvolvimento.

Lightwriter

Este aparelho é destinado para permitir que a pessoa surda que não sinaliza, ou pessoas afásicas a comunicar utilizando texto. Existem vários modelos de lightwriter e algum tem displays fluorescentes, o que os torna particularmente fáceis de ver.

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A."
Fonte: www.deafblind.co.uk/equipment.html - Baseado no texto: Equipment for Deafblind People,
Tradução: Laura Monteiro Ancilloto/2003 - Parte da dissertação do mestrado de Shirley R. Maia/2004 - Diretrizes Básicas para Pessoas não Especializadas - Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Bengala a laser N-P

A bengala a laser NP é um auxiliar de mobilidade para auxiliar indivíduos cego ou surdocego. Sois raios de luz invisíveis são emitidos da bengala. A luz alta é para proteção da cabeça, a Segunda é direcionada para informação da sua frente. Quando o raio de luz atinge um objeto dentro do alcance e é refletida de volta para uma unidade receptora na bengala. O usuário pode receber o aviso auditivo ou tátil simultaneamente, ou pode-se tirar o som.

Aparelho de navegação para cadeira de roda e scooters.

Consiste em um conjunto de caixas retangulares que é montado na frente do aparelho de mobilidade. Consiste em lasers e raios ultra-sônicos que são transmitidos na frente e no lado da cadeira de roda. Quando um raio atinge um objeto, ele manda de volta para o receptor causando um sinal de aviso auditivo e tátil.

Polaron

Este aparelho utiliza tecnologia para detectar objetos dentro de uma distância de quatro, oito ou dezesseis pés. Quando um obstáculo está dentro do alcance, o Polaron vibra ou emite um som.

Omni Page

Este sistema de pager é designado para pessoas que precisam se comunicar com outra pessoa – ou precisa estar alerta de um sinal de um aparelho eletrônico, tal como detector de fumaça, telefone, monitor sonoro, ou campainha.

Uma unidade receptora sem fio é anexada a um cinto e envia um sinal audível ou um sinal vibratório para convocar a pessoa que o carrega quando o transmissor é ativado.

RALPH (Alfabeto Robótico)

Este é um soletrador a dedo robótico que atua com qualquer aparelho (RS232). Ele converte o ASCII para soletrar a dedo Americano para a utilização de uma pessoa surdocega que não é familiar com o braille ou que não tem a sensibilidade necessária para senti-lo.

*Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS U.S.A. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA U.S.A.
Fonte: www.deafblind.co.uk/equipment.html - Baseado no texto: Equipment for Deafblind People.
Tradução: Laura Monteiro Ancillotto, 2003 - Parte da dissertação de mestrado de Shirley R. Maia, 2004 - Diretrizes Básicas para Pessoas não Especializadas - Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Comunicador de Tela em braile

Esta é uma unidade portátil com aproximadamente o tamanho de um telefone. Tem um teclado Qwerty e um display LCD de um lado e no outro, um display em braile e um teclado.

Speaking Hand

Este aparelho é baseado em uma "dataglove" (luva com dados) e permite que a pessoa surdocega envie o alfabeto manual Britânico para o computador. No futuro esperasse que a resposta possa ser enviada pelo computador e sentida na luva.

Super Braille 2000

Oito teclas de navegação fornecidas para leitura de tela e edição. Um sistema de auto-apontar com até 44 botões pressionáveis integrado com cada cela braile – é utilizado para ativar os itens do menu e mover o cursor e o ponteiro do mouse para um caractere específico.

Este aparelho pode ser um bom laptop para utilizar com uma pessoa surdocega devido a sua portabilidade e pode auxiliar a pessoa surdocega a se comunicar com um usuário que não conheça Alfabeto manual do surdocego.

TACTAID

O TACTAID II + e o TACTAID 7 convertem sons para vibrações em pequenos conectores que podem ser conectados ao corpo.

Tactiwatch (relógio)

Este relógio vibratório não pode ser ajustado pela pessoa surdocega. Ele "mostra" as horas por pulsações de vibração e o usuário conta às pulsações para saber as horas e os minutos.

Talking Glove (Luva falante)

Uma luva "cibernética" tem sido utilizada para o reconhecimento do alfabeto manual americano de dactilologia.

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de REINO, NEVADA-U.S.A."

Fonte: www.deafblind.co.uk/equipment.html - Baseado no texto: Equipment for Deafblind People.
Tradução: Laura Monteiro Ancillotto/2003 - Parte da dissertação de mestrado de Shirley R. Maia/2004 - Diretrizes Básicas para Pessoas não Especializadas - Universidade Presbiteriana Mackenzie.



TDDs para o surdocego = TTY

Este equipamento telefônico é adaptado para a utilização pelo surdocego, com um display em Braille e também um teclado qwerty . Ele pode ser regularmente conectado à linha telefônica.

Teletouch

O Teletouch é um equipamento mecânico com o tamanho de uma máquina de escrever portátil. Tem uma combinação de teclado Braille/qwerty de um lado e uma única cela braille do outro lado. O emissor deve teclar lenta e precisamente, pois o receptor deve ler uma letra de cada vez.

Equipamentos de Alerta Vibratório

Campainha vibratória

Uma campainha modificada emite sinais para um alarme vibratório ou auditivo vestido pelo usuário.

Pager Vibratório

Este Pager vibra quando desencadeado pelo por uma das unidades desencadeadoras de alerta do usuário.

Unidades desencadeadoras

Estas unidades desencadeadoras podem ser colocadas próximo de fontes de som como alarmes, despertadores, campainha, etc e podem enviar a mensagem para o Pager.

Indicador de nível de líquido vibratório

Feito especialmente para leite, chá e café em xícara ele tem dentes longos para o leite e dentes pequenos para as bebidas e é pendurado sobre o lado da xícara. Ele vibra quando o líquido toca os dentes.

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A."
Fonte: www.danblind.no.uk/equipment.html - Baseado no texto: Equipment for Deafblind People.
Tradução: Laura Monteiro Anacleto/2003 - Parte da dissertação de mestrado de Shirley R. Maia/2004 - Distúrbios Básicos para Pessoas não Especializadas - Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ANEXO 8

Como entrar em contato com uma pessoa surdocega



Horizonte

COMO ENTRAR EM CONTATO COM UMA PESSOA SURDOCEGA

É natural que ao encontrarmos uma pessoa surdocega pela primeira vez, nos sintamos um pouco desorientados sobre como agir com ela. As seguintes sugestões podem servir para que nos sintamos mais seguros e assim facilitar a comunicação com elas.

1. A primeira ação que devemos fazer é informá-la de nossa presença, tocando-lhe suavemente no ombro ou no braço. Caso a pessoa surdocega esteja concentrada executando uma tarefa, devemos esperar até que ela possa nos atender. Se ela tiver baixa visão, devemos nos posicionar no do seu campo de visão.
2. O passo seguinte será nos identificarmos, dizendo-lhes quem somos. Não é conveniente brincar fazendo adivinhações. Mesmo que ela nos conheça, devemos lhe comunicar quem somos e assim evitar que fique confusa. Podemos fazer o soletramento das letras através do alfabeto manual em suas mãos ou no seu campo visual.
3. Devemos perguntar a pessoa surdocega qual é a sua forma de comunicação preferida, para que haja uma melhor conversação.
4. Se pessoa surdocega usar aparelho auditivo, devemos nos dirigir a ela de forma clara e direta, sempre vocalizando ou articulando as palavras pausadamente. Nesses casos, convém evitar os lugares muito ruidosos para desenvolvermos uma conversação com ela.
5. Se ela tiver uma baixa visão devemos procurar não sair do seu campo de visão. Talvez ela possa nos entender através da leitura labial ou utilizando outros recursos como a Língua de Sinais ou escrita em letra de forma na palma da mão. Se não conhecêssemos os métodos de comunicação, poderemos escrever no papel branco, em letras de forma tamanho ampliado com caneta hidrográfica preta ou azul escuro.

1
"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A.
O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A."
Tradução/adaptação de excertos de folheto da "Fundación ONCE", Espanha - Julho/1996. - Revisão: Shirley R. Maia/2006



Horizonte

6. A princípio, poderemos ter algumas dificuldades no desenvolvimento do processo de comunicação. É necessário que ambos tenham paciência. A eficiência na comunicação aumentará com a prática, à medida que vamos nos familiarizando com o sistema de comunicação escolhido pela pessoa surdocega.
7. Quando nos encontramos com uma pessoa surdocega conhecida devemos cumprimentá-la diretamente, mesmo que esteja acompanhada. Assim ela perceberá a nossa presença e ficará feliz em conversar.
8. Poderemos lhe ser úteis atuando com intérpretes quando tiver em um local com mais pessoas. O mais difícil para ela, nessas ocasiões é não saber quando é o momento adequado para falar; portanto, nós poderemos dizer qual é o momento correto.
9. Jamais poderemos esquecer de nos despedirmos dela. Se tivermos de nos ausentar por um momento, devemos informá-la e colocá-la em lugar confortável e seguro. Não é aconselhável deixá-la sozinha em local desconhecido.
10. A forma correta de caminhar com ela ou de conduzi-la é permitir que ela pegue em nosso braço, em geral logo acima do cotovelo. Assim, ela poderá seguir melhor nossos movimentos. Jamais devemos tentar conduzi-la a nossa frente.
11. Enquanto andamos com ela, é conveniente dizer-lhe onde nos encontramos e o que acontece ao nosso redor. Se vemos algo que nos parece interessante e que ela possa tocar, não podemos deixar de lhe mostrar.
12. Por último, lembremos sempre que ao nos comunicarmos com uma pessoa surdocega, a única coisa que estamos fazendo é nos comunicarmos com ela. Esqueçamos preconceitos e olhadas estranhas e nos concentremos em apenas nos comunicarmos com ela. Muitas vezes recebemos olhares estranhos, devido à proximidade de comunicação, devemos então concentrarmos somente na comunicação entre nós e na pessoa surdocega.

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. 2
O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A."
Tradução/adaptação de excertos de folheto da "Fundación ONCE", Espanha - Julho/1986. - Revisão: Shirley R. Maia/2006